

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA – IGPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Maria Luiza dos Santos Silva



**A FOLIA DE REIS DA FAMÍLIA CORRÊA DE
GOIANIRA: UMA MANIFESTAÇÃO DA
RELIGIOSIDADE POPULAR**

GOIÂNIA

2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA – IGPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Maria Luiza dos Santos Silva



FOLIA DE REIS DA FAMÍLIA CORRÊA DE GOIANIRA: UMA MANIFESTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural da Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural, sob a orientação da prof^a Dr^a Marlene C. Ossami de Moura.

GOIÂNIA

2006

SANTOS SILVA, Maria Luiza

Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular. / Maria Luiza Santos Silva. – Goiânia, 2006.

101 f.

Orientação: profª Drª Marlene C. Ossami de Moura
Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás,
Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2006.

1. Religião. 2. Folia de Reis. 3. Catolicismo Oficial. 4. Catolicismo Popular. I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Luiza dos Santos Silva

FOLIA DE REIS DA FAMILIA CORRÊA DE GOIANIRA: UMA MANIFESTAÇÃO DA
RELIGIOSIDADE POPULAR

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Marlene C. Ossami de Moura - UCG
(orientadora)

Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa - UFG

Prof. Dr. Roque de Barros Laraia – UnB/UCG

GOIÂNIA

2006

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Rômulo, Remulo, Orlando Neto, que incentivaram-me ao crescimento intelectual. Ao meu marido, José Orlando, que esteve ao meu lado, apoiando-me em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus que guiou-me até aqui nos passos de Santos Reis.
À profª Drª Marlene C. Ossami de Moura que orientou-me com dedicação.

EPÍGRAFE

*Quando digo “meu Deus”, afirmo a
propriedade.*

*Há mil deuses pessoais em nichos da
cidade.*

*Quando digo “meu Deus”, crio
cumplicidade.*

*Mais fraco, sou mais forte do que a
desirmandade.*

*Quando digo “meu Deus”, grito minha
orfandade.*

*O rei que me ofereço rouba-me a
liberdade.*

*Quando digo “meu Deus”, choro minha
ansiedade.*

*Não sei que fazer dele na
microeternidade.*

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------|----|
| RESUMO | 10 |
| ABSTRACT | 11 |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| | |
| CAPÍTULO I - A RELIGIÃO COMO FENÔMENO UNIVERSAL | 16 |
| | |
| CAPÍTULO II - CATOLICISMO OFICIAL E CATOLICISMO POPULAR | 24 |
| 2.1 O Padroado: entre o Estado e a Igreja | 24 |
| 2.2 Origens das práticas populares no catolicismo | 25 |
| 2.3 O padroado luso-brasileiro | 27 |
| 2.4 A romanização do catolicismo | 29 |
| 2.5 O catolicismo popular no Brasil | 32 |
| 2.5.1 Uma definição de catolicismo popular | 32 |
| 2.5.2 Catolicismo popular brasileiro | 33 |
| 2.6 Resistência do catolicismo popular | 35 |
| 2.7 Festa e Religião: abordagens necessárias | 36 |
| | |
| CAPÍTULO III - FOLIA DE REIS: UMA FESTA POPULAR | 40 |
| 3.1 Características gerais da Folia de Reis no Brasil | 40 |
| 3.2 A cidade de Goianira | 43 |
| 3.2.1 Surgimento da cidade de Goianira | 43 |
| 3.2.1 De Capela à Matriz (1922-1949) e de Distrito à Município (1949-1951) | 44 |
| 3.3 Origens da família Corrêa e da folia de Reis | 49 |
| 3.4 Etnografia da Folia de Reis da família Corrêa de Goianira | 53 |
| 3.4.1 A Estrutura da Folia | 53 |
| 3.4.2 As funções de cada Folião | 55 |
| 3.4.3 A Viagem da Bandeira | 58 |
| 3.4.4 O almoço dos foliões e povo em geral | 59 |
| 3.4.5 A Saída da Folia de Santos Reis | 60 |
| 3.4.6 O terço | 64 |
| 3.4.7 A Bandeira de Santos Reis | 65 |

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.4.8 O giro | 68 |
| 3.4.9 Os Pousos da Folia | 69 |
| 3.4.10 O Dia da Festa: a Chegada da Folia | 74 |
| 3.5 Os significados sociais da festa de Santos Reis da Família Correa em Goianira | 79 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 85 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 87 |
| ANEXOS | 90 |
| Anexo A – Anotações do Sr. Diolino Corrêa Neves sobre sua participação em folias. | 90 |
| Anexo B – Fotos da Folia de Reis de Goianira do ano de 2006 | 93 |
| Anexo C – As quatro gerações de foliões da Família Corrêa | 100 |

RESUMO

SANTOS SILVA, Maria Luiza. *A Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.

Na pesquisa discurrida neste trabalho, objetiva-se averiguar o universo em que circunda os eventos atuais da Folia de Reis da Família Corrêa do município de Goianira. Inicialmente, abordamos sobre seu conceito, sua gênese e consolidação no catolicismo popular. Para melhor compreender o contexto histórico da gênese da Folia de Reis, discorremos sobre o catolicismo popular no Brasil, bem como seus conflitos com o catolicismo oficial. Entendemos por catolicismo oficial aquele assentado na autoridade eclesiástica, tendo como centro os sacramentos. Já o catolicismo popular está centralizado na pessoa do leigo e tem como núcleo religioso a devoção aos santos.

Para analisar a Folia de Reis dos Corrêa fizemos uma etnografia de todo o giro, analisando suas transformações, sua relação entre o sagrado e o profano e seu sistema de coesão social e solidariedade. A análise desses dados vem reforçar a resistência do catolicismo popular, hoje, convivendo de forma simbiótica com elementos do catolicismo oficial.

Para melhor compreender a Folia de Reis dos Corrêa de Goianira, fizemos um breve histórico da origem dessa cidade, com a chegada do Pe. Pelágio, representando o catolicismo oficial e, também, resgatamos a origem da família dos Corrêa, fundadora da Folia de Reis neste município.

Palavras-chave: Religião, Folia de Reis, Catolicismo Oficial, Catolicismo Popular.

ABSTRACT

SANTOS SILVA, Maria Luiza. *Folia's kings of Corrêa family in Goianira: A religious grassroots manifestation*. 2006. Dissertation (Master's degree) – Institute Goiano of daily Pay-history and Anthropology, University Catholic of Goiás. Goiânia, 2006.

In the research discoursed in this work, objective to inquire the universe where it surrounds the current events of the Folia's Kings of the Corrêa Family of the Goianira city. Initially, we approach on its concept, its geneses and consolidation in the popular Catholicism. Better to understand the historical context of begin of the Folia's Kings, we discourse on the popular Catholicism in Brazil, as well as its conflicts with the official Catholicism. We understand for official Catholicism that one seated in the ecclesiastical authority, having as center the sacramentos. Already the popular Catholicism is centered in the person of the layperson and has as religious nucleus the devotion to the saints.

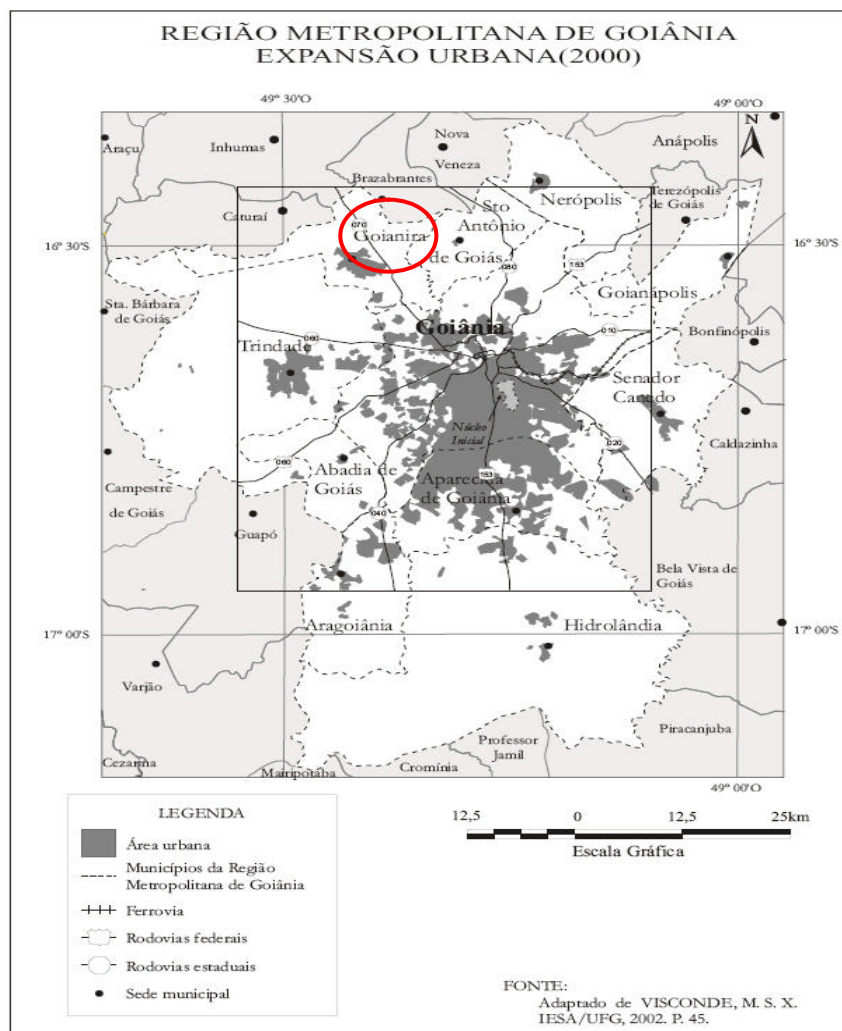
To analyze the Folia's Kings of the Corrêa we all made ethnography of the turn, analyzing its transformations, its relation between sacred and profane and the its system of social cohesion and solidarity. The analysis of these data comes strengthens the resistance of the popular Catholicism, today, coexisting of halfoptic form elements of the official Catholicism.

For better to understand the Folia's Kings of the Corrêa de Goianira, we made a historical briefing of the origin of this city, with the arrival of the Pe. Pelágio, representing official Catholicism and, also, we rescue the origin of the family of the Corrêa, founder of the Folia's Kings in this city.

Key-words: Religion, Folia's Kings, Official Catholicism, Popular Catholicism.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a Folia de Reis da Cidade de Goianira que vem sendo realizada desde 1945 pela família Corrêa, que, proveniente de Franca – São Paulo, se estabeleceu na região no ano de 1920. Neste mesmo ano surgiu o povoado São Geraldo Magella, que por sua vez foi elevado a distrito quinze anos mais tarde. Em 1959 deu-se a emancipação política do distrito de São Geraldo, transformando-se no atual município de Goianira, localizado a 22 quilômetros de Goiânia, capital do estado de Goiás, conforme Mapa abaixo.



Região Metropolitana de Goiânia (Fonte: OBSERVATÓRIO, 2006).

Goianira possui cerca de vinte mil habitantes, em que aproximadamente metade é católica e metade é protestante, de acordo com a Secretaria Municipal de Educação de

Goianira (1997/2000). Os católicos festejam em outubro o padroeiro da cidade São Geraldo Magella e em maio reverenciam São Sebastião. Todos os anos, no mês de janeiro, ocorre a Folia de Reis, a qual faz parte das comemorações religiosas do calendário católico brasileiro, o que desta forma justifica não somente sua importância no aspecto da religião enquanto afirmação do sagrado no catolicismo popular, como também no aspecto cultural ao utilizar o recurso da festa como instrumento de união para o fortalecimento dos laços de fé entre seus participantes.

A Folia de Reis é uma tradição religiosa e cultural originária dos portugueses que, apesar dos desafios oriundos da modernidade, continua sendo realizada até os dias de hoje. Compreender, portanto, a Folia enquanto fenômeno religioso consiste, de um lado, se reapropriar do passado para compreender sua origem e seu contexto histórico e, de outro, compreender uma das funções da religião que se configura como instrumento de coesão social.

As motivações para a escolha do tema giram em torno de reconhecer as referências culturais locais para resignificar o presente, por meio da compreensão da organização social, com suas crenças e com as relações sociais estabelecidas entre si. Além disso, a análise da Folia de Reis é uma temática original no que tange a especificação de sua reflexão na cidade de Goianira, urgindo, pois, ser analisada, em virtude da importância social que representa.

Para melhor compreensão da Folia de Reis de Goianira é necessário dissertar acerca da Folia de reis desde sua gênese, em Portugal, até à atualidade, uma vez que esta é considerada um dos principais fenômenos culturais e religiosos de representação da fé popular no Brasil. Neste percurso, iremos, num primeiro momento, nos apropriarmos do posicionamento de vários autores a respeito dos conceitos que deste tema emanam, para melhor contextualizar a Folia de Reis de Goianira.

Para tanto, pretendemos buscar luzes teóricas que fundamentam a análise da Folia de Reis em Goianira na obra publicada originalmente em 1912, pelo sociólogo Émile Durkheim sobre o fenômeno religioso.

Utilizaremos também das contribuições de autores contemporâneos que comentaram a obra de Durkheim como o sociólogo Pedro A. Ribeiro de Oliveira (1997) e do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1985a, 1985 b, 1986). Em seguida utilizaremos das abordagens dos historiadores Eduardo Hoornaert (1977) e Segundo Galilea (1978). A contribuição destes autores irá fundamentar, de modo especial, o primeiro capítulo desta dissertação, que versa sobre o fenômeno religioso, sob os âmbitos do catolicismo oficial romano e da religiosidade popular. O referencial teórico deste trabalho provém da análise conceitual elaborada por

vários autores – sociólogos, antropólogos e historiadores – os quais afirmam que as realizações das festas de Folia de Reis são na realidade, uma espécie de resistência da vertente do catolicismo popular, em suas tradições e valores frente aos dias atuais.

A metodologia utilizada está alicerçada em três parâmetros ou critérios. O primeiro deles aborda o tema em estudo no decorrer dos vários discursos inseridos, partindo de uma visão geral para, na seqüência, especificá-lo em capítulos posteriores. O segundo parâmetro adotado diz respeito à própria interdisciplinaridade, que para a compreensão do referido tema, permitiu agregar interpretações e conceitos de outras áreas do conhecimento humano, cujas contribuições concorreram para o enriquecimento desta pesquisa. Já o terceiro critério foi norteado pelos diferentes recursos aplicados na busca das informações necessárias à composição do mesmo: audiovisuais (vídeo, entrevistas), iconográficos (fotografias), pesquisa documental (arquivos do IPEHBC e IGPA/UCG) e bibliográfica (obras, teses e monografias).

A problemática envolve a análise de quais âmbitos é possível notar a Folia como fator de harmonia da comunidade local. A hipótese inicial consiste em considerar a Folia de Reis de Goianira como um mecanismo de solidariedade e de integração social, já que, enquanto manifestação da religiosidade popular deve assegurar a coesão social, que, conforme Durkheim (1912), é uma das funções da religião.

As etapas em que se pretendeu o desenvolvimento desta dissertação foram basicamente três: a fundamentação teórica quanto à definição e a função da religião no comportamento humano e o contexto histórico da Folia assentada no catolicismo no mundo e no Brasil; a etnografia da Folia de Reis de Goianira, baseada nos dados da pesquisa de campo; e a sistematização e a análise dos dados etnográficos.

No primeiro capítulo, busca-se o diálogo com vários autores¹ sobre os conceitos que suscitam desta temática, como o próprio conceito de religião.

Já o segundo capítulo refere-se a gênese do Catolicismo Oficial Romano, abordando, para tanto, o acordo chamado Padroado, firmado entre o Estado e a Igreja. Discorrer-se-á, ainda, sobre as origens das práticas populares no catolicismo, ressaltando as características do Catolicismo Popular.

No terceiro capítulo empenha-se a pesquisa em torno do desenvolvimento do Catolicismo no Brasil, enfatizando os conflitos entre o catolicismo popular e o catolicismo oficial romano, bem como a resistência daquele.

¹ Como Durkheim (1912), Houtart (1994), González (1992) e Eliade (1978).

O quarto capítulo trata da Folia de Reis no Brasil e em Goianira. Analisa o universo descritivo da festa religiosa da Folia de Reis, a partir de suas organizações, hierarquias, objetivos, tradições e valores representados, cujo exemplo tomado diz respeito a Folia de Reis da região semi-urbana da Boca da Mata no município de Goianira, já que, conforme Geertz (1989), pode-se até comparar formas de diferentes culturas a fim de definir-lhes o caráter para um auxílio mútuo. Entretanto (*op cit*, 213): “qualquer que seja o nível em que se atua, e por mais intrincado que seja, o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações”. Este capítulo promove o elo entre o que foi analisado nos capítulos anteriores e os dados da pesquisa de campo, o que resultou na elaboração da etnografia da Folia de reis de Goianira. Nesta pesquisa fizemos contato direto com os agentes integrantes da folia utilizando-se, sobretudo, do recurso do método de entrevistas, onde levantamos uma série de elementos atribuídos à cultura local da Folia de Reis, tal como crenças e práticas (vivências) dos rituais, que são peculiares a esta Folia.

Acompanhamos também todo o processo de preparação e realização da Folia que teve início no dia 1º de janeiro deste ano, com término no dia 05 do mesmo mês, coroado com a grande festa de encerramento e a entrega da coroa e do ramalhete de flores aos novos festeiros ou foliões.

CAPÍTULO I

A RELIGIÃO COMO FENÔMENO UNIVERSAL

Neste capítulo analisaremos o fenômeno da religião como expressão universal do comportamento humano, tendo como cerne a religião católica, na sua vertente oficial e popular, uma vez que a Folia de Reis, tema deste trabalho, tem sua gênese e seu desenvolvimento histórico na religião católica romana. Nosso interesse é entender, a partir das várias definições de religião, porque as pessoas buscam nestas explicações o reforço e manutenção de suas práticas e crenças religiosas, como é o caso da Folia de Reis.

Falar em religião invoca-se, necessariamente, o sentimento religioso, identificado, por alguns, pela busca permanente do ser humano por “algo mais” ou algo que não se pode explicar. O sentimento religioso se expressa, portanto, na busca da realização, da perfeição, do Absoluto. Aqui, a religião tem um papel fundamental, de preservar e guardar a experiência religiosa – pode ser uma experiência de Deus ou de deuses – que uma vez institucionalizada é repassada às gerações seguintes. Dessa forma, a Folia, elemento de expressão desse sentimento religioso, repassa, a cada celebração anual, uma experiência de Deus – do Menino Deus dos Três Reis Magos, que veio “trazer a união, a paz e muita fartura”.

A questão sobre o que é religião e suas funções não encontra consenso nas Ciências Sociais, conforme mostraremos nas posições de diferentes autores no texto abaixo.

Segundo Durkheim (2000), para o conhecimento da religião em seu formato mais puro, é necessário, a princípio, definir o que se entende por religião a fim de evitar o risco de considerá-la apenas como sistema de idéias e práticas que em nada teria de religioso ou até mesmo incorrer no caso de banalizar os fatos religiosos, sem, contudo, enxergar sua real natureza. O autor sinaliza que o que se pode necessariamente indicar são certos números de pontos exteriores que permitem reconhecer os fenômenos religiosos (onde quer que se encontrem), e que impedem que os confundamos com outros. Assim, considerando que na falta de uma melhor forma de estudar a religião, Durkheim prefere tomar como referencial a forma em que a mesma se apresenta nos povos mais “civilizados”. O autor, ao elaborar uma teoria geral da religião, com base na análise das instituições religiosas mais simples e mais primitiva (totemismo), define o fenômeno da religião, refutando as teorias diferentes das suas e indicando a natureza social de tal fenômeno.

O suporte teórico dessa primeira noção de religião está sustentado em Spencer², como se observa: “A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro” (DURKHEIM, 2000, p. 05).

Outra idéia, entretanto, em que se tentou com freqüência definir a religião, diz Durkheim, é a da divindade. Desta vez se apóia este autor nas visões de A. Réville e E. B. Tylor. Segundo Durkheim, a religião é a determinação da vida humana pelo sentimento de vínculo que une o espírito humano ao espírito misterioso no qual reconhece a dominação sobre o mundo e sobre si mesmo, e ao qual quer-se sentir unido. Desta maneira, explica Durkheim que, para a compreensão mais abrangente de religião como algo divinizado, basta substituir a palavra deus pela de ser espiritual, foi o que fez Tylor, conforme diz o autor:

O primeiro ponto essencial quando se trata de estudar sistematicamente as religiões das raças inferiores, é definir e precisar o que se entende por religião[...]. Parece preferível colocar simplesmente como definição mínima da religião a crença em seres espirituais (DURKHEIM, 2000, p. 11).

Analisada essa primeira noção de religião, a que reporta à idéia de sobrenatural, cuja posição indica que não há nada de irracional ou primitivo; e também tendo chegado à segunda definição de religião, que incorpora a noção de divindade, Durkheim observa que, a religião enquanto divindade, também mostra suas limitações, pois ao compreender religião como propõe Tylor, ou seja, enquanto seres espirituais, há fatos aos quais esta definição não é aplicável. Para este autor existem grandes religiões em que a idéia de deuses e espíritos está ausente, nas quais esta idéia desempenha um papel de segundo plano e, portanto, apagado. É o caso, por exemplo, do Budismo. Durkheim embasa sua posição neste aspecto, em Burnouf e Kern, dentre outros, para afirmar que a divindade de Buda não é relevante ao Budismo. Com efeito, nesta religião a idéia de deuses não está presente, já que consiste, antes de tudo, na noção de salvação, e a salvação supõe unicamente que se conheça e pratique a boa doutrina e não a veneração ao próprio Buda.

Durkheim afirma ainda que, seja da definição de religião como sobrenatural ou enquanto algo divino ou deificado, o que resta é algo relevante a ser levado em conta: a natureza da religião como criação coletiva, que se configura em harmonia social. Mediante este posicionamento, o autor afirma que a idéia de religião está intimamente relacionada à sua prática por meio dos fenômenos religiosos. Ao elaborar, portanto, sua teoria da religião, Durkheim vai afirmar que uma de suas funções é, essencialmente, assegurar a comunhão de espírito e de coesão social. Logo, se do pensamento sobre a religião é possível visualizar suas

² Spencer defende a idéia do animismo, ou seja, haveria uma "alma" em todos os fenômenos naturais, inclusive no homem. Cf. Durkheim (2000).

categorias – as crenças e ritos - há, contudo, um divisor que distingue explicitamente no campo das crenças, as suas características em dois sentidos diferentes, que são o sagrado e o profano.

Conforme Durkheim, a essência da religião é a divisão do mundo em fenômenos sagrados ou profanos. O sagrado consiste em um conjunto de coisas, de crenças e de ritos, sendo que o conjunto dessas crenças e desses ritos constitui uma religião. Para que haja o sagrado é preciso que os homens façam a diferença entre o que é profano e cotidiano, e o que é diferente sendo, pois, sagrado. Para Durkheim, o sagrado e o profano sempre foram em toda parte concebidos pelo espírito humano como elementos separados, sendo vistos como dois mundos entre os quais nada existe em comum. Deste modo compreendia-se até então que, as coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas, por sua vez, a que se aplicam essas proibições e que, por isso, devem permanecer à distância das primeiras. Conseqüentemente, a fim de esclarecer esta questão conflituosa, Durkheim (2000, p.22) conclui sua posição ao dizer:

Isso não significa, porém que um ser jamais possa passar de um desses mundos para o outro; mas a maneira como essa passagem se produz, quando ocorre, põe em evidência a dualidade essencial dos dois reinos.

Mircea Eliade (1992) comunga da idéia de Durkheim de que a religião difere bastante do cotidiano e que, por isso, não pode ser analisado em termos comuns. Este autor ao analisar os vários tipos de "experiência religiosa" dos seres humanos, distingue, como fez Durkheim, o sagrado e o profano. Para Eliade, o sagrado é o oposto de profano, sendo o primeiro, algo que é separado e consagrado, enquanto o profano, etimologicamente, consiste naquilo que está em frente ou de fora do templo, assim assevera Eliade que o homem obtém seu conhecimento do sagrado, porque este se manifesta completamente distinto do profano; a isso, o autor chama de *hierofani*, vocábulo grego que significa, "algo sagrado está se revelando para nós". O sagrado revela-se de diferentes formas, não importando se é manifestado em uma pedra, uma árvore ou em Jesus Cristo; ou seja, a pedra é um objeto qualquer que pode ser revestido de hierofani, isto é, "sagrado". O Cosmos é um organismo real e vivo e concomitantemente é acompanhado pelo sagrado, de modo que o sobrenatural está indissolúvelmente relacionado ao natural, já que a natureza exprime o que a transcende.

Outra associação que faz Durkheim, visando constituir ao longo de seu texto a concepção de religião como manifestação universal do comportamento humano, é aquela em que os ritos estão envolvidos nos cultos. Uma religião não se reduz a um culto único, mas consiste em um sistema de cultos dotados de certa autonomia, ou seja, cultos que não

dependem, necessariamente, uns dos outros. Por este ângulo, ao mesmo tempo, explica-se que possa haver grupos de fenômenos religiosos que não pertencem a nenhuma religião constituída: é que eles não estão integrados num sistema religioso. Foi o que se deu com certos cultos agrários que sobreviveram a si próprios no folclore, de forma que em certos casos, não é se quer um culto, mas uma simples cerimônia, um rito particularizado que persiste sob esta forma.

Na tentativa de busca da compreensão conceitual a respeito da religião, Durkheim se debruça na distinção deste termo com outro elemento proveniente das práticas pagãs da humanidade – a magia. Segundo ele, a magia, assim como a religião, é também constituída de crenças e ritos, possui mitos e dogmas, cerimônias etc; mas a magia seria mais rudimentar, certamente porque, buscando fins utilitários, a magia não perde seu tempo com especulações, em seu universo contempla também suas cerimônias, seus sacrifícios, preces, purificações, cantos e danças. A magia não precisa necessariamente crer no sobrenatural, enquanto na religião há sempre a mediação de um espírito. Há, contudo, uma aversão da religião pela magia e, vice-versa; de modo que à magia agrada profanar as coisas santas. Neste aspecto, Durkheim põe em questionamento: em que medidas se podem distinguir a magia da religião?

Com respeito à distinção dos limites entre religião e magia, vale salientar que as práticas religiosas são comuns a determinada coletividade, assim os indivíduos sentem-se ligados uns aos outros pela fé comum. A religião pressupõe uma igreja, mas a magia não necessita desse espaço, já que entre os magos e os indivíduos que o procuram, bem como entre esses indivíduos, não há laços duradouros que façam deles membros de um mesmo corpo moral. Dessa forma, a distinção essencial entre religião e magia está na idéia de igreja, com a qual a religião não se separa. Assim, para Durkheim, a igreja seria a união de todos aos que a ela aderem numa mesma comunidade moral, por meio de crenças e práticas do sagrado. Ou seja, a igreja é o espaço de coesão social.

Embora se observe que a magia está repleta de religião e a religião está repleta de magia, na religião existe a presença de uma igreja e na magia não. Recorda Durkheim que entre o mágico e os indivíduos não há vínculos permanentes que os façam membros de um mesmo corpo, o mágico tem uma clientela, não uma igreja e seus clientes podem perfeitamente não ter relacionamento entre si, da mesma forma que também não existe uma igreja mágica. Ao contrário, a religião é inseparável da idéia de igreja, daí a fundamental diferença entre magia e religião. Durkheim, por sua vez, também se preocupa em estabelecer uma ligação entre estes dois elementos da crença humana ao mostrar outra semelhança entre

magia e religião: “o mágico está para a magia assim como o sacerdote para a religião” (2000, p. 29).

Nota-se, portanto, que na discussão que empenha Durkheim acerca da busca conceitual de religião, no caso de sua relação com a magia surge uma nova categoria – a de igreja. Quando faz sua citação Durkheim entra noutro aspecto do universo das práticas da religião: o seu perfil individualista, detalhe que é peça-chave para se aproximar da noção durkheimiana de religião.

Finalmente, Durkheim (2000, p. 32) define religião a partir de suas reflexões anteriores:

Chegamos, pois, à seguinte definição: uma religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas que reúnem numa mesma comunidade moral chamada igreja, todos aqueles que a aderem.

Lembra este autor que tal definição conceitual não tem sua significação (abstratamente) isolada, pelo contrário, evoca a existência de outro elemento também importante e relacional: a idéia de igreja. Então, o conceito de religião tem significado se pensado em uma coletividade unida no espaço da igreja.

Assim, percebe-se que o sentido do conceito de religião considerado por Durkheim, indica uma série de categorias subseqüentes (ritos, crenças, sagrado, profano, fé, divindade e sobrenatural) as quais são imprescindíveis ao pensamento sobre religião como caráter universal do comportamento humano.

Já Pereira (2005, pp.27-28) ultrapassa a definição de Durkheim de religião como coesão social ao afirmar que:

Se por um lado ela funciona como fornecedora de sentido, como fator de Coesão e nomia social (Durkheim, 1989), por outro lado ela funciona como uma forma de expiação e reintegração social (Girard, 1990). Se por uma parte pode ser vista como o espírito de uma situação carente de espírito, portanto, como o ópio do povo (Marx, 1987), por outra parte ela pode ser entendida como fator de resistência (Parker, 1995), ou ainda, entre outras tantas funções, ela, por possuir um caráter sacralizador, pode legitimar uma dada situação (BEGGER, 1985).

Durkheim também instiga a reflexão acerca dos laços entre religião e festas, ou, conforme o autor, as fortes ligações entre os ritos representativos e as recreações coletivas. O autor adverte para a distinção exata dos ritos religiosos com os recreativos:

A própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 2000, p. 456).

Assim, a cerimônia religiosa lembra a festa e vice-versa. Durkheim percebeu os principais elementos contidos nas festas, quais sejam: transgressão das normas sociais; coesão do grupo social; e produção de um estado de efervescência coletiva.

Mircea Eliade (1992, p.79) concorda com Durkheim ao considerar que o comportamento humano diferencia-se durante a festa, daquele comportamento comum antes e depois dela. Para o autor:

A reatualização periódica dos atos criadores efetuados pelos seres divinos in illo tempore constitui o calendário sagrado, o conjunto das festas. Uma festa desenrola-se sempre no Tempo original. É justamente a reintegração desse Tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa daquele de antes e depois.

Afirma Eliade que ao reatualizar o Tempo primordial, tempo da ocorrência de obras divinas, o homem religioso torna-se contemporâneo dos deuses, imitando-os. Conforme o estudioso:

O homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana. É o eterno presente do acontecimento mítico que torna possível a duração profana dos eventos históricos (ELIADE, 199, p. 79).

De acordo com Eliade a conseqüência da experimentação do homem como proveniente divino, é a repetição dos gestos dos deuses, o que poda a criatividade ou a capacidade de criação, já que o homem esforça-se em imitar e aproximar-se dos deuses:

Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da Vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. [...] a eterna repetição dos gestos exemplares revelados pelos deuses ab origine opõe-se a todo o progresso humano e paralisa toda a espontaneidade criadora. [...] Ora, parece evidente que, se o homem religioso sente necessidade de reproduzir indefinidamente os mesmos gestos exemplares, é porque deseja e se esforça por viver muito perto de seus deuses.

A diferenciação de comportamento durante a festa e essa necessidade do homem religioso de mergulhar-se no tempo do sagrado imitando os deuses, bem como a transgressão, coesão e efervescência coletiva durkheimiana, instigam a reflexão acerca da religião popular e da consciência coletiva.

No que tange a religião popular, no estudo proposto pelo sociólogo González (1992) sobre os aspectos constituintes do que denominou religião popular, as crenças e rituais, mediadas pela devoção, são vistos como expressões e manifestações. Ao passo que o sociólogo François Houtart (1994) considera a religião enquanto uma representação que institui um sentido mais abrangente do que o apresentado por González (1992). Enquanto o

primeiro autor preocupa-se em evidenciar as formas com que a fé pela via popular se expressa em sua comoção e interatividade com as divindades celestiais, Houtart (1994) apresenta o significado social de tais expressões. Assim, nota-se que se em González a questão da religião é analisada no sentido do indivíduo para com as divindades, já Houtart aborda a mesma temática partindo da interpretação que a sociedade faz das expressões religiosas do indivíduo.

Segundo Houtart (1994), o estudo da religião a supõe como parte das idealizações, ou seja, das representações que os seres humanos fazem de seu mundo e de si mesmos. Essa posição inicial mostra, entretanto, a influência durkheimiana a respeito do tema religião quando procurou definir seu conceito a partir de Spencer de religião como sistema de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, que promove a coesão da sociedade.

Assim, enquanto Émile Durkheim se reporta ao instinto humano e sua relação com o sobrenatural, que seria a primeira expressão de contato do homem na produção de sua religião; complementa Houtart (1994) que as representações se constroem dentro das condições concretas e históricas dos atores sociais, sendo a representação que faz referência ao sobrenatural, embora numerosos sociólogos da religião prefiram defini-la mais por suas funções que por seus conteúdos.

Outra pela qual Houtart se apóia para estudar o caráter sociológico da religião, é a de que religião, como parte das representações humanas, é também um produto do ator social, pois para ele toda realidade cultural e ideal é um produto social. Essa definição anuncia outra face atribuída até então à religião – seu papel conscientizador na sociedade em que é vivenciada. Neste ponto há uma semelhança com as posições definidas por González (1992) e pelo sociólogo Thomas Bruneau (1979), os quais vêem as festas (e, pois, as folias) como elementos de resistência social, com a função conscientizadora de que trata Houtart (1994). Assim, González (1992) e Bruneau (1979) reafirmam Houtart (1994), quanto ao papel da religião, bem como das religiosidades pelas quais se apresenta, para chamar atenção ao contexto atual da realidade cultural.

Logo, a análise do festivo religioso, bem como da religiosidade popular passa por compreender o que vem a ser religião. A religião pode ser considerada, assim, como uma manifestação que promove a coesão social e que é parte das representações que os seres humanos desenvolvem de si mesmos e do mundo como produto do ator social. A festa, então, seria um momento de contemplação dos deuses gerados pela religião, em que se sai do cotidiano, transgredindo normas, produzindo um estado de efervescência coletiva e imitando o tempo de seus deuses.

Portanto, enquanto Durkheim (2000) percebe a religião como instrumento de coesão social, já González (1992) se atém à análise das expressões religiosas, ou seja, de como se manifesta (pela devoção) a religião popular; por outro lado Houtart (1994) analisa a religião como representação da sociedade. Para Houtart (1994), existe uma dialética que explica a relação entre as expressões e as representações religiosas, mas também há uma coerência entre elas, pois, segundo este autor, não se pode expressar outras coisas a não ser as que correspondem às crenças. Porém, Houtart (1994) ressalta que há uma certa “autonomia” e, às vezes, contradições entre essas expressões e representações. Isto se justifica porque na evolução da sociedade é possível que a institucionalização de crenças não seja paralela à institucionalização das expressões. Deste modo, finaliza Houtart (1994), a evolução de um sistema cognitivo não é tampouco completamente paralela à evolução de um sistema onde o caráter afetivo predomina.

CAPÍTULO II

O CATOLICISMO OFICIAL E CATOLICISMO POPULAR

2.1 O Padroado: entre o Estado e a Igreja

Para se compreender o catolicismo oficial romano, que se desenvolveu na Europa Medieval e que chegou até nós pelos portugueses, urge que se compreenda, antes de tudo, a questão do Padroado régio, como direito estabelecido entre as esferas do poder temporal e espiritual, cujas instituições eram representadas por um lado, pela monarquia lusitana e por outro, pela Igreja Católica Romana. A respeito do contexto em que se dá a gênese do Padroado firmado para o cumprimento da empresa colonizadora portuguesa, Ronaldo Vainfas (2001) traz algumas luzes no tocante a este fato, segundo o qual a expansão ultramarina das monarquias ibéricas assentou-se sobre o duplo pilar da dilatação da fé e da fortificação da Coroa nas terras conquistadas. Além disso, o projeto missionário de Portugal e de Espanha procurou não somente atender ao desafio representado pela descoberta de novos territórios, mas também compensar as perdas territoriais da cristandade para a Reforma Protestante.

Vainfas afirma ser o Padroado um regime cuja origem remonta a Idade Média. Pelo Padroado a Igreja instituía um indivíduo ou instituição como padroeiro de certo território, a fim de que ali fosse promovidas a manutenção e propagação da fé cristã. Desta forma, em troca, o padroeiro recebia privilégios, tais como a coleta dos dízimos e a prerrogativa de indicar religiosos para as funções eclesiásticas.

Em Portugal, em decorrência da luta contra os mouros, o rei adquiriu não só o padroado sobre diversos locais restritos como também um padroado propriamente régio, o que o habilitava a propor a criação de novas dioceses, escolher os bispos e apresentá-los ao papa para confirmação. A ele estava associado o beneplácito, isto é, a exigência de que o monarca aprovasse previamente as normas e determinações da Santa Sé que destinassem ao reino.

Luciano Silva Roriz (2004) afirma que desde as cruzadas a união entre as duas esferas de poder do mundo moderno, Estado e Igreja, já se encontrava devidamente consolidadas, e embora a ocorrência das leis tridentinas³ tivesse contribuído para a moralização da Igreja, perante suas próprias atitudes e em função dos avanços do protestantismo, o Estado português

³ Leis católicas, em latim, com respeito à moralidade.

e a Igreja continuam de certa forma ligados ou pelo menos comungando do mesmo objetivo de levar a cabo a missão “civilizadora” às terras do Novo Mundo.

Segundo Palacín (*apud* RORIZ, 2004), mesmo que os ditames tridentinos direcionassem os rumos da sociedade moderna, ideologicamente, o serviço de Deus estava em primeiro lugar como uma necessidade (no caso do Estado português) de subordinação social. A evangelização, neste caso, seria uma forma de contrabalancear os “impactos” do processo colonizador nesta terra. Seria ela, então, um ato de desencargo de consciência.

Neste sentido, a unidade da fé para Roriz, tem desempenhado, tanto no Brasil, como na própria península ibérica, na formação da nacionalidade, um papel importante, pois para se pedir doação de terras (por Foral ou Carta de Doação) ou para concessão de sesmaria, não se requeria a cidadania portuguesa, e sim a profissão de fé católica.

Segundo Roriz, o Padroado em seu caráter ambíguo, contribuiu para fundamentar tanto o poder real quanto o poder administrativo-clerical, além de servir de fonte de acesso do Estado ao poder eclesiástico, seja legitimando-o ou oficializando-o, garantindo (a contrapartida) a presença da Igreja Católica como religião universal cristã a ser seguida na metrópole ou possessões portuguesas.

2.2 Origens das práticas populares no catolicismo

Podemos remeter a origem de práticas populares no Catolicismo Popular à própria formação do Cristianismo primitivo, imbuído de crenças de pescadores e camponeses pobres: primeiramente, por judeus, depois por gregos e germânicos.

O cristianismo, inicialmente, professado pelos descendentes de judeus que viviam na periferia de Roma, difundiu-se rapidamente pelo estado romano, aglutinando escravos e camadas pobres da população e, em seguida, passa a ser aceita pelas tradicionais famílias da realeza romana.

Porém, após sua oficialização, em fins do século IV, o cristianismo adquire características marcadamente urbanas, com a transposição para a cultura greco-romana, gerando dois modos de comportamento religioso: do lado greco-romano, às práticas eram

ligadas às leis ou questões jurídicas como o Direito Romano⁴; ao passo que, do lado do anglo-germânico, suas práticas, de características rurais, estavam ligadas às devoções e cultos aos deuses.

O Cristianismo foi, assim, incorporando valores próprios da civilização romana como a oficialização do latim, o uso de vestuários diferenciados, doutrina baseada na filosofia grega e uma organização eclesiástica que seguia os padrões jurídicos romanos. A dificuldade em compreender a língua oficial, vai aos poucos, afastando o povo dos ensinamentos e cultos religiosos, levando-o a desenvolver novas formas de expressão religiosa de cunho devocionais. A partir daí, vão aparecer no seio da Religião cristã romana, duas formas de expressão religiosas: de um lado, a religião cristã oficial, representada pela hierarquia eclesiástica, com o apoio do poder político, de outro, a religião cristã popular, marcado pelas crenças e práticas das culturas anglo-germânicas, de características rurais.

Esta oposição entre religião popular e religião oficial se manterá até meados do século XVI, quando a Igreja Católica assume posições extremas com a institucionalização dos tribunais da Inquisição, com objetivo de investigar e punir os crimes praticados contra a fé católica. Todos os modos de agir, pensar e sentir que não estavam de acordo com a doutrina católica, eram considerados hereges. Antes disso, a igreja, através do Concílio de Latrão, de 1215, passa a condenar as práticas e crenças populares prescrevendo aos fiéis cristãos, sob pena de pecado, a assistência dominical à missa, bem como os sacramentos da confissão e da eucaristia.

No que tange à oficialização do cristianismo, Gonzáles (1992) acredita que ela foi responsável por problemas como: progressivo distanciamento social da massa cristã; estrutura/modelo vertical, autoritário e centralizador, diferente do modelo horizontal e fraterno; e a elitização da igreja, ou seja, o modo como a fixação das elites cristãs nos moldes de uma cultura homogeneizada (a greco-latina) marcaria profundamente o pensamento (teologia) e o comportamento (ética) oficiais.

Entretanto, além desses três problemas detectados por Gonzáles, o autor destaca um único ponto positivo nesse processo de oficialização. Trata-se do êxito da incorporação em massa de novas culturas à Igreja durante o momento histórico da presença estrangeira (ou bárbara, como eram chamados os estrangeiros pelos romanos) frente ao Império. González

⁴ Direito Romano é um termo histórico-jurídico que consiste em um conjunto de regras jurídicas da cidade de Roma e, mais tarde, do corpo de direito aplicado ao território do Império Romano. Mesmo depois da queda do império em 476, o direito romano continuou influenciando a produção jurídica dos reinos ocidentais.

afirma que este evento matizaria a experiência cristã com outras experiências religiosas muito distintas das greco-latinas. Em consequência disso, surgiram os mais variados estilos de sincretismos que se manifestaram especialmente na religião popular, ainda que isso ocorresse em grau diferenciado.

Pedro Ribeiro de Oliveira (1997) salienta que este sincretismo religioso pode ser percebido no catolicismo popular, praticado nas bases da sociedade brasileira, que por sua vez não é antagônico ao catolicismo oficial.

2.3 O padroado luso-brasileiro

A religião católica foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses, estando à frente, inicialmente, os missionários jesuítas e franciscanos. O Catolicismo veio para o Brasil como parte da conquista colonial européia e como religião oficial de Estado, um catolicismo patriarcal, que articula a tradição medieval ibérica à contra-reforma promovida pelo Concílio de Trento (1545-1562) e é caracterizado como da classe senhorial brasileira, detentora do poder econômico, político e cultural. Veio também como religião popular, religião de colonos pobres, aqueles que, mesmo tendo a posse da terra, não possuíam escravos que lhe possibilitassem produzir em escala para o mercado (OLIVEIRA, 1996).

A legitimidade religiosa e política da Igreja no Brasil é proveniente de um processo concomitante ao processo histórico brasileiro desde sua “descoberta”, com a chegada dos jesuítas.

Segundo Bruneau (1979), enquanto colônia, o poder estabelecido, promoveu um modelo de catolicismo, denominado padroado, em que a Igreja era uma instituição subordinada ao Estado e a religião oficial era um mecanismo de dominação sócio-política e cultural.

No que diz respeito à história do padroado e suas consequências para a igreja no Brasil, Eduardo Hoornaert (1984, p. 12) afirma ser a organização da Igreja no Brasil entre 1550-1800, em grande parte controlada pelo Padroado. Um dos mecanismos da Coroa portuguesa para exercer o controle sobre a Igreja Católica, era o da “Mesa de Consciência e Ordens”, que precedia às nomeações eclesiásticas, além do Conselho Ultramarino, dando pareceres em questões de direito colonial. Entre estes mecanismos, o mais eloquente era o padroado em cuja predominância régia, fez-se controladora a fim de que a influência de Roma sobre o Brasil fosse mínima. Este autor mostra a intencionalidade da Coroa portuguesa em

usufruir o referido direito para acrescentar riquezas e territórios em nome da fé católica.

Conforme o autor:

O direito de padroado foi concedido pelo papa ao rei português com a incumbência de promover a organização da Igreja nas terras 'descobertas', de sorte que foi por intermédio deste Padroado que a expansão do catolicismo no Brasil foi financiada.

Como a igreja estava subordinada à Coroa portuguesa, não só sua estrutura era bastante precária – não havia interesse em criar dioceses e ampliar o número de bispos e de sacerdotes - como a pregação do evangelho seguia os interesses do projeto colonial local, representado pelos latifundiários.

Gilberto Freyre (1990) reforça as idéias de Bruneau, ao ressaltar a autoridade dos senhores, cujo contexto tornava os padres empregados do Estado. No Brasil, é a Coroa portuguesa que mandava na Igreja, mas por não ter normas rígidas, o povo foi criando seus próprios mecanismos de religiosidade (confrarias, irmandades), gerando um sincretismo religioso e cultural.

Guilherme Paulo das Neves (2001) complementa que, embora na segunda metade do século XVIII, a Coroa tenha valorizado o clero secular, essa política sujeitou crescentemente os sacerdotes à condição de funcionários da monarquia. Esse fato trouxe como resultado a constituição de uma organização eclesiástica dependente das autoridades civis, o que entre outros fatores, explica o peculiar processo de cristianização a que a população foi submetida cuja situação, para além da Independência (1822), só foi alterada a partir da Proclamação da República em 1889.

Na mentalidade vigente, os portugueses acreditavam que só poderia haver no mundo o cristianismo, como única realidade possível. Daí, a grande preocupação com a conversão dos infiéis ou dos gentios. A vida portuguesa girava em torno da fé cristã, da união e comunhão, de tal modo que o catolicismo que veio de Portugal foi o Catolicismo Popular tradicional, que perdurou por quase três séculos, sob a égide do Padroado. Mas, o cristianismo não pregava igualdade social, mas divisão de funções, o que permitia a escravização. Assim, a dominação imposta aos povos que não aceitavam a fé ou os costumes cristãos era resultado da visão unívoca de mundo, que por seu lado fez com que o rei mandasse a Companhia de Jesus para doutrinar (VAINFAS, 2001). Como esta conversão interessava aos capitães, mercadores, senhores de engenho, exploradores do sertão, dentre outros, então todos a realizavam.

Assim, a evangelização empreendida pelos missionários estava a serviço dos funcionários da Coroa e dos senhores. Dessa forma, diz Vainfas, havia uma preocupação, mas não um projeto oficial de evangelização, o que acabou por gerar conflitos entre a Igreja, que

queria catequizar os índios, utilizando-os como mão-de-obra para ela própria, com os senhores de fazendas, que queriam escravizá-los. Apesar disso, a crise do modelo de padroado se acentua em 1759, pelo advento da expulsão dos jesuítas e com a progressiva hegemonia da nova mentalidade racionalista e iluminista.

Após a independência do Brasil, teve início o modelo denominado ultramontano, que afastou os leigos das organizações de manifestações religiosas. Então, no segundo reinado (em 1840), aponta Bruneau (1979), tem-se um novo período na história da Igreja no Brasil, denominado de romanização do Catolicismo, que se dirigiu à submissão da Igreja não mais a Coroa luso-brasileira, mas às ordens diretas do Papa. Contudo, neste momento a Igreja já estava estabelecida como elemento unificador da sociedade.

2.4 A romanização do catolicismo

A romanização do catolicismo brasileiro consistiu num movimento dirigido pela igreja católica, visando sua desvinculação da Coroa portuguesa, e vinculando-se diretamente à Santa Sé, em meados do século XIX.

O processo de romanização implantado no Brasil visava substituir o catolicismo tradicional, a partir de reformas na igreja católica adotando o mesmo modelo romano do catolicismo. Este modelo estava baseado na administração dos sacramentos para a salvação individual, marcado pelo clericalismo e espiritualismo. Esse Período da história da igreja consistiu na reforma católica, na reorganização eclesiástica e na restauração católica.

A reforma católica se deu durante o segundo reinado, quando a hierarquia buscava imprimir ao catolicismo tradicional de origem luso-brasileira as marcas do catolicismo romano. As principais reformas desse período foram com relação ao clero e ao povo. O clero passou a ter uma formação doutrinária de caráter piedoso no interior dos seminários, afastando-os do convívio direto com o povo.

Quanto aos fiéis cristãos, a orientação era substituir as práticas religiosas do catolicismo tradicional, de caráter devocional, pelas práticas do catolicismo romano, com enfoque doutrinário e sacramental. Estas práticas eram consideradas como superstições, credices e práticas mágicas, fanáticas e imorais, por isso foram combatidas e exorcizadas dos espaços sagrados, de domínio do clero, passando a sobreviver à margem da instituição eclesiástica (OLIVEIRA, 1976). As práticas religiosas dos leigos foram desvalorizadas e ridicularizadas pelo catolicismo romanizado, com a substituição dos antigos santos

tradicionais, cujo culto incluía as folias, danças, banquetes e festas, por devoções em voga na Europa.

O catolicismo romano, portanto, acaba se impondo e expulsa o catolicismo popular para a marginalidade religiosa.

Com a separação da igreja do estado civil, ocorrida com a Proclamação da República, em 1889, a igreja perde seu caráter de religião oficial (do estado), bem como o estado assume o *status* leigo. Com esta separação, a igreja do Brasil deixa de ser subsidiada economicamente pelo estado, ligando-se diretamente ao poder institucional da Igreja Romana.

Essa separação vai acarretar a necessidade de reorganizar a velha estrutura eclesiástica no Brasil, que começa com a multiplicação das dioceses, com as reformas das ordens religiosas e a entrada no Brasil de outras congregações, trazendo consigo novas associações religiosas e devoções, em detrimento das antigas irmandades e confrarias, bem como dos tradicionais santos protetores.

As novas congregações religiosas tiveram papel fundamental no processo de romanização, difundindo suas próprias devoções, como as dos Redentoristas com a devoção de nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Santo Afonso e do próprio São Geraldo Magella, santo protetor da cidade de Goianira, cuja folia dos Reis analisaremos neste trabalho.

Os espaços de cultos populares, como os santuários, foram reapropriados pelo clero, passando-os à sua direção e controle. Foram introduzidas outras modalidades pastorais para implementação da prática sacramental, sob o controle da hierarquia eclesiástica.

As antigas festas religiosas - realizadas por iniciativa dos leigos e onde o padre surgia apenas como celebrante da missa e das bênçãos solenes – foram substituídas por festas litúrgicas ou festas ligadas às novas devoções. É o caso, por exemplo, da realização da festa do Coração de Nossa Senhora, que vem valorizar as Filhas de Maria, em detrimento das festas populares como as Folias de Reis, Folia do Divino, Procissão das Almas, as Festas Juninas e as procissões dos santos tradicionais, que passam a ser combatidas como supersticiosas.

Com a reorganização das estruturas eclesiásticas, as poucas paróquias, que, como estrutura revelavam um crescente desgaste, são ampliadas e revitalizadas. Mas, a busca pelo fortalecimento das paróquias indica a abrangência das novas relações de poder que se estabelecem, como, a institucionalização da religiosidade popular e das organizações religiosas leigas. Neste contexto, a paróquia passa ser a base de sustentação desta nova territorialidade, como afirma Gaeta (1997). Para este autor, o novo modelo eclesial católico que passou a ser implantado no Brasil é caracterizado pelo centralismo institucional em Roma, por um fechamento sobre si mesmo e por falta de sintonia com o mundo moderno,

possuía uma rigidez hierárquica, reproduzida pelas variadas células paroquiais, e aspirava a uma univocidade entre a Europa, Ásia, África e América. Assim, esse modelo desencadeou estratégias reformadoras, buscando retomar a preponderância da autoridade espiritual da Igreja sobre a sociedade civil, pois para esse modelo, toda a sociedade, passando pela educação, deveria estar impregnada de catolicismo.

O catolicismo romano via-se como a única fonte da verdade e da salvação, condenou práticas religiosas anteriores, vigentes desde o período colonial. Essas práticas devocionais foram acusadas de serem pagãs e supersticiosas. Para Gaeta (1997, p. 6) esse modelo:

Tentou, portanto, substituir a realidade presente, completamente multifacetada, plural, por uma outra nova, positiva e absolutamente única. Estabeleceu uma marca de polaridade entre o velho e o novo, o bom e o mau, o presente e o futuro, o existente e a realidade a ser criada. Acreditou na possibilidade de se gerar um homem novo, envolvido na neo-espiritualidade tomista, depurado de suas antigas crenças, tidas então como atraso e crendices.

A hierarquia eclesiástica perseverou em uma campanha de transformação radical nas formas de piedade e devoção praticadas por grande parte da população. Assim, as manifestações de culto dirigidas e organizadas por leigos, nas confrarias e nas irmandades, não se ajustavam a esse contexto eclesial. Com isso, o sacerdote gradualmente se centralizava, passando a ser o responsável pelas atividades que os leigos desenvolviam. Nessa romanização, o poder de decisão das confrarias foi sendo levado para o vigário e toda a programação festiva e/ou administrativa caberia à autoridade clerical e não mais aos leigos.

Essa nova modalidade do catolicismo baseado na cultura européia vai ser facilmente absorvida pela elite urbana brasileira, enquanto a população rural continuava a expressar o catolicismo tradicional.

Com o centenário da independência do Brasil, em 1922, a igreja católica inicia o processo de restauração do catolicismo, essa etapa ficou conhecida com o nome de neocristandade. Foi um período ambíguo, pois, no início, a igreja se afasta da vida política, limitando-se à reorganização e o reforço de suas estruturas internas, com o tempo, se abre à sociedade, marcando maior presença nas questões sociais e políticas, contando com o apoio do poder civil. Se antes, a igreja repudiou e se afastou deste poder, agora se reaproxima, formalizando apoio e colaboração para garantir a ordem estabelecida: conter a onda comunista e o avanço dos movimentos reformistas e sociais. Como contrapartida, o ensino religioso foi adotado nas escolas públicas, as obras assistenciais e educativas dirigidas pelos religiosos passaram a ser subvencionadas pelo governo e o exército brasileiro passou a ter capelães militares.

Com a divulgação das idéias liberais e democráticas, após a Segunda Guerra Mundial, setores da igreja católica passam a articular um novo projeto pastoral, com ênfase nas mudanças sociais. Este período, conhecido como renovação pastoral, teve início na década de 1960, com a convocação do Concílio Vaticano II.

2.5 O catolicismo popular no Brasil

2.5.1 Uma definição de catolicismo popular

Neste capítulo não queremos entrar no mérito da discussão sobre o conceito de catolicismo popular, motivo de divergência entre vários autores das Ciências da Religião. Nosso objetivo é analisar, de forma mais detalhada, as crenças e práticas populares advindas do catolicismo. Iremos, neste estudo, seguir a definição do sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira (1997) que o caracteriza como o conjunto de representações e práticas religiosas que independem da mediação de agentes institucionais para a promoção das relações entre o humano e o sobrenatural.

Porém, adverte o autor que esta primeira caracterização não é suficiente para definir este catolicismo, já que esta definição não leva em conta o contexto social que torna possível o surgimento da religião popular. Assim, Pedro Ribeiro de Oliveira (1997, p. 47) parte para a sugestão de uma definição de catolicismo popular mais abrangente, como se observa:

Podemos então definir o catolicismo popular como um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial.

A partir dessa definição, afirma Oliveira, é possível observar que o mesmo código religioso católico se torna diferentemente interpretado pelas diversas classes sociais⁵, cuja flexibilidade prática, permite o benefício de ser ao mesmo tempo a religião dos dominantes e dos dominados, sem que, desta maneira, as diversas significações atribuídas aos mesmos significantes religiosos dêem lugar a múltiplos sistemas religiosos. Daí a necessidade, na conceituação de catolicismo popular, de ultrapassar a simples descrição das representações, da questão do culto dos santos, das práticas e instâncias da organização do culto e seus realizadores, para além deste contato, extrair o que é específico do catolicismo popular, este que só é reconhecido se contraposto ao catolicismo não-popular, ou seja, oficial.

⁵ Para Marx (1997), classe social consiste em um agrupamento de indivíduos ligados entre si pela posição que ocupam no processo de produção material de determinada sociedade.

2.5.2 *Catolicismo popular brasileiro*

Como já vimos, o Catolicismo veio para o Brasil como parte da conquista colonial européia, na forma de religião oficial de Estado e também na forma de religião popular.

Nesse catolicismo luso-brasileiro ou tradicional, Pedro Ribeiro de Oliveira identifica a coexistência de três catolicismos: o patriarcal; o popular difundido na massa camponesa e ampliado entre indígenas, escravos fugidos ou alforriados e colonos empobrecidos; e popular urbano.

Neste estudo iremos analisar apenas a modalidade do catolicismo popular, por inspirar o surgimento das folias de Reis – tema desta monografia.

Para Oliveira (1976), o elemento central do catolicismo popular é o santo. O santo está presente na sua imagem, mas não se identifica com ela. É como se a imagem tivesse vida: o devoto conversa com ela oferece-lhe flores e velas, enfeita-a, visita-a no santuário, leva-a em procissão e romaria; mas pode também vir a ser punida pelo mesmo devoto, quando este se vê desfavorecido pelo santo. Assim, é em torno da imagem que se organiza o culto popular, distinguindo-se três níveis: doméstico, da comunidade local e do âmbito regional.

Nas casas o espaço do culto doméstico é o *oratório*, ou uma pequena capela, com o altar para os santos de devoção familiar. Em geral, é apenas um canto em destaque na sala onde ficam as imagens, lembranças e quadros religiosos. Ali, a família, dirigida por um de seus, se reúne para rezar.

Na comunidade local, o espaço religioso é a *capela*. Construída para abrigar a imagem do padroeiro e dos santos de devoção do lugar, a capela é a referência para a vivência religiosa de uma comunidade. Neste espaço, reúne-se o povo para a *reza*, que pode ter diversas finalidades: preparar a festa do santo, celebrar o domingo e dias de guarda, alcançar o repouso para os defuntos, invocar a proteção dos santos contra as calamidades, celebrar a missa por ocasião da visita do padre. A liderança religiosa local cabe aos *rezadores*: leigos e leigas que assumem a função religiosa não por delegação eclesiástica, mas por sua capacidade de animar e conduzir as *rezas*. Nas cidades, a animação da vida religiosa normalmente cabe às irmandades e confrarias formadas de leigos.

Em âmbito mais amplo, encontram-se os *santuários*, centros religiosos voltados para o culto de algum santo de grande devoção popular. No passado eram os leigos que animavam as festas, acolhiam os romeiros, recolhiam donativos para manter o templo e contratavam

sacerdotes para atender os serviços religiosos. Hoje, a direção do culto e a administração do santuário são de exclusividade dos padres.

O culto aos santos organiza-se através de lideranças leigas, sendo esporádica a intervenção de sacerdotes, o que segundo Pedro Ribeiro de Oliveira, pode-se descrever o catolicismo popular como uma religião de grande quantidade de reza, com pouca missa; ainda, muito santo e pequena presença do padre.

Foi este catolicismo popular luso-brasileiro, conhecido também como catolicismo popular tradicional, que entrou no Brasil. Posteriormente, uma outra forma de catolicismo vai surgir no Brasil: o catolicismo privado⁶.

Este catolicismo combina a devoção aos santos (com suas rezas, promessas, romarias, culto domésticos às imagens) com práticas sacramentais esporádicas (batismo, primeira comunhão, missas festivas e de sétimo dia), tendo por eixo a relação direta e pessoal entre o fiel e o santo protetor. Embora a instituição religiosa não faça a mediação entre eles, o culto privatizado aos santos não é inteiramente autônomo, porque o santo (imagem) deve ficar na igreja e ali o padre é que impõe as normas para o culto.

Articula-se, portanto, no catolicismo privado, de um lado, uma vivência religiosa reduzida a um assunto pessoal, onde os santos têm sua função protetora limitada à dimensão individual, sem se ocupar das questões do mundo e, por outro lado, uma sujeição, ao menos formal, à autoridade eclesiástica.

Comparando o catolicismo popular tradicional e o privado, pode-se notar que, embora ambos tenham o mesmo núcleo, a devoção aos santos protetores é estruturalmente diferente quanto à organização do culto e à relação com a vida cotidiana. Segundo Oliveira (1976 e 1996), o catolicismo tradicional tem um caráter público que o torna quase obrigatório em certas comunidades: a devoção aos santos não é apenas um assunto particular, mas algo de interesse coletivo. Todos devem participar, de uma forma ou de outra, das festas do padroeiro, das novenas e rezas. Com exceção dos “crentes”, recusar-se a receber em casa a folia, ou negar uma contribuição para a festa do padroeiro, significa cortar laços de solidariedade com os vizinhos.

Já o culto aos santos do catolicismo privado é um assunto individual ou familiar, onde cada pessoa tem o seu modo de relacionar-se com seu santo padroeiro, cuja relação é direta e

⁶ Uma outra modalidade do catolicismo analisada por Pedro Ribeiro de Oliveira é o catolicismo da libertação, inspirado no Concílio Vaticano II, cujas representações principais se dão na Comunidade Eclesiais de Base e nas Pastorais populares. Para finalidade deste estudo, iremos nos deter apenas ao catolicismo tradicional e o privado.

peçoal, não passando pela mediação da igreja nem da comunidade. Estas duas formas de catolicismos não são realidades estanques, mas se interpenetram.

Ivone Aparecida Pereira (2005, p. 28) ao comparar catolicismo oficial e popular, afirma que:

No catolicismo oficial, percebemos uma ênfase nos sacramentos e no evangelho. O crente está subordinado a Igreja e o sacerdote é o ministro dos sacramentos e, socialmente, reconhecido como detentor do capital religioso. Ao sacerdote é dado ainda o poder de meditação entre os homens e o sagrado. Já no catolicismo popular, percebemos que os aspectos da devoção e da proteção, buscados nos santos, primam sobre os aspectos sacramentais e evangélicos e as pessoas podem ter uma relação direta com o sagrado sem a necessidade da meditação sacerdotal .

2.6 Resistência do catolicismo popular

O processo de romanização retirava dos leigos qualquer função administrativa, até o recebimento de doações ficou sob o poder do sacerdote. A administração religiosa da Europa tornou-se um modelo para os numerosos santuários espalhados pelo país.

O deslocamento do poder do leigo para o paroquial não ocorreu de forma harmônica, ao contrário, houve conflitos entre ambas as partes. Em muitos santuários, os atritos com as autoridades eclesiásticas intensificavam-se nas festas do patrono. Chegou-se a realizar comemorações concomitantes oficiais e leigas, permeando-se de ameaças de excomunhão.

No final do século XIX, as devoções que possuíam uma larga expressão popular, como a de São Benedito, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Elesbão e as folias dos Reis Magos passaram a ser desqualificadas pela igreja oficial romana. As imagens de santos foram sendo retiradas dos altares centrais como a de Bom Jesus, substituída por outra do Sagrado Coração de Jesus.

Os padres, por vezes, não combatiam diretamente as devoções tradicionais, mas não participavam delas e condenavam os aspectos das festas, considerados profanos, como a dança, a bebida e os jogos, e criticava também o mau uso do dinheiro recolhido pelos devotos. Tentava-se excluir elementos das procissões, novenas e romarias, que não se enquadrassem ao que era cultuado nas paróquias. Desse modo, desenvolviam-se estratégias de erradicação e de substituição das antigas práticas populares.

A religiosidade popular é, assim, um espaço de coesão social que ocorre fora do espaço institucionalizado. No Brasil, segundo Brandão (1986), essa forma de religiosidade foi perseguida pelo catolicismo oficial. O catolicismo já foi percebido como prática de pessoas

incultas, supersticiosas e ainda, como fenômeno exótico passível de rápida liquidação. Contudo, esta religiosidade permanece até os dias atuais, como uma auto-evangelização do povo que se une em torno dela. Mas, adverte Brandão, para o fato de que a religiosidade popular não provém de uma caipirização ingênua ou depravada, mas trata-se da transformação de um sistema religioso erudito, doutrinário e sacramental em um comunitário e devocional.

Mesmo diante da romanização da Igreja Católica, as práticas da religiosidade popular resistiram, conforme pode ser observado em trabalhos como o de Brandão (1985a), realizado no município de Mossâmedes-GO, sobre a folia de Reis, cuja organização está centrada nos leigos. Da mesma forma, Ivone Pereira (2005) identifica a folia de Reis da cidade de Santo Antônio de Goiás, com traços do catolicismo popular. E, ainda, em Goianira-GO, a prática devocional da Folia de Reis da família Corrêa está ancorado no catolicismo popular.

O catolicismo romano, portanto, acaba se impondo e expulsa o catolicismo popular para a marginalidade religiosa. Para Pedro Oliveira, a romanização foi suficientemente forte para combater o catolicismo luso-brasileiro, mas não para implantar o catolicismo romano na grande massa de católicos. Esta abandonou muitas das práticas tradicionais, mas não assumiu a prática regular dos sacramentos. Certos elementos do catolicismo romano foram reapropriados e reinterpretados pelos devotos, resultando uma forma original conhecida por catolicismo privado.

2.7 Festa e Religião: abordagens necessárias

Festa e religião são manifestações diretamente relacionadas ao catolicismo popular. Embora no senso comum se pense que festa e religião, para além de serem vocábulos distintos, também indicam significados totalmente diferentes, pretende-se aproximá-los pela busca de pontos comuns entre si, que revelem, nesta nova perspectiva, a concepção deste binômio em uma abordagem que mostre que um dá sentido ao outro.

Visando esclarecer a este respeito, considera-se o desafio instituído pelo autor Marcelo Ayres Camurça (In: PEREIRA, M. e CAMURÇA, M., 2003), o qual atenta para o fato de estes termos parecerem estar isolados, uma vez que a festa compõe-se do universo lúdico e a religião remete as regras e obrigações.

Entretanto, para atuar na confluência destas duas esferas de expressão da religiosidade, defende Camurça que embora em campos de significação diferentes, pretende o mesmo

instituir a tese de que ambos criam um território comum, que, por conseguinte, favorecem a formação de um ambiente propício a sociabilidade de seus participantes como se observa:

Embora não se reduzindo uma a outra e guardando cada qual sua autonomia própria, podemos observar que elas se articulam e criam um território comum, uma interseção que se condicionou chamar de festas religiosas ou ritos religiosos festivos (CAMURÇA, In: PEREIRA, M. e CAMURÇA, M., 2003, p. 08).

Este autor analisa o caráter da festa e da religião no decorrer da construção de seu diálogo mediando por vezes, pelas projeções de vários autores. Ele reconhece que, ao propor o desafio de identificar as similitudes que envolvem a festa e a religião, suas distinções também são levadas a cabo deste entendimento. Assim, o primeiro suporte teórico que vem fundamentar suas posição está em Léa Perez (In: PEREIRA, M. e CAMURÇA, M., 2003, p. 8), que considera tanto a semelhança quanto a diferença fundamental, pois: “Tanto na festa como na cerimônia religiosa, homem é transportado para fora de si, distrai-se de suas preocupações cotidianas”.

Léa Perez sublinha uma “diferença fundamental” entre as duas manifestações, que compreende o fato de combinarem em proporção desigual o júbilo e a finalidade grave. Para Camurça, este júbilo caberia à festa e o grave, à religião.

Portanto, do aprofundamento que sugere a discussão do binômio festa-religião, Camurça vem somar a Perez permitindo elencar a questão da sociabilidade ambiente constituída por seus participantes à transcendência em detrimento da rotina cotidiana, das expressões do rito, do sacrifício, do seu caráter mitológico.

Perez analisa a interseção das festas religiosas com os ritos religiosos festivos. Para a estudiosa, ambos são construídos nas várias culturas com estruturas abrangentes que produzem a sociabilidade de “estar juntos”, isto significa que a autora comunga com a visão de Durkheim de religião como coesão. Assim, o fenômeno festivo é aproximado do religioso.

A abordagem teórica de Camurça está posicionada nos conceitos de religião da visão durkheimiana. O antropólogo afirma que é através da exaltação coletiva, presente nos ritos religiosos e nas festas, que a sociedade gera imagens e situações onde ela se cria e se repõe, pois enquanto expressões da sociedade, tanto a festa (como ajuntamento puramente celebrativo) como o rito festivo religioso (ligado a motivações de crença no além), tem a mesma função de criar e expressar o social.

Deste modo, para analisar, a respeito da transcendência em relação da rotina cotidiana, Camurça se baseia em Roger Callois (*apud* Camurça, In: Pereira, M. e Camurça, M., 2003), para quem a festa constitui-se sempre pelo excesso e pela intensidade em relação ao ritmo

regular do cotidiano, sendo assim, ela pode ser vista como “paroxismo da sociedade”, porque não ultrapassa radicalmente a realidade do dia a dia mesmo que venha criar um outro mundo, o “reino do sagrado”.

Quanto ao caráter da expressão do rito e do sacrifício da festa e religião, Camurça se apóia nas afirmações de Georges Bataille (*apud* Camurça, In: Pereira, M. e Camurça, M., 2003), para quem a festa, o sagrado e o sacrifício se encontram no mesmo processo, pois com o sacrifício, arranca-se a vítima do mundo das coisas para a ordem da intimidade com o sacrificado e com o divino.

Portanto, outra função da festa e religião também caracterizada por Camurça diz respeito a seu formato mitológico, pelo qual elas se expressam. Neste aspecto, diz o autor, que a festa tem como finalidade inserir o tempo e o espaço míticos na realidade humana, pois, diferentes do vazio ou do comum da temporalidade e espacialidade cotidiana, eles possuem uma certa qualidade, já que suas presenças sublimes e na sua perfeita sintonia trazem o revigoramento tanto para toda a realidade terrena, quanto para o cosmos em si.

Camurça se alicerça nas palavras de Gusdorf para destacar o lado mítico expressado pela festa e religião, em que a festa significa o momento de expansão do sagrado, onde:

O tempo da festa é o tempo mítico, o tempo inicial, que a liturgia festival não se contenta apenas com evocar, comemorar, mas que a recria efetivamente (GUSDORF *apud* Camurça, In: Pereira, M. e Camurça, M., 2003, p. 14).

Apesar da aparente desordem e incoerência, que parece presidir a festa, sua configuração de “mundo ao avesso”, corresponde a um “excesso permitido, e até mesmo ordenado”, desta forma, o caos é a estratégica e justificativa para a reordenação da ordem, onde o desequilíbrio gera o restabelecimento do equilíbrio e o dispêndio encaminhar a criação.

Camurça por sua vez, chega a duas conclusões principais pelo que se propôs a discutir em relação à festa e religião e suas implicações. A primeira é que apesar de seu estudo priorizar o trato de eventos que ocorrem em Minas Gerais, o espectro lançado sobre o mesmo, autoriza vislumbrar a universalidade do fenômeno sem perder de vista suas particularidades, através das mediações que articulam o simbólico, o social e o histórico. A segunda, é que fica o desafio do estudo interdisciplinar (metodologicamente) e a contribuição da Folia de Reis na forma de resistência social, religiosa e cultural, diante de um mundo globalizado, que impõe ser concebido restritamente com formas e performances adequadas a esta atualidade; ficando as folias forçadas a lutar para (sobre) viver, sobretudo, sem perder a fundamental essência e seu sentido primeiro de manifestação religiosa de comportamento humano.

Todavia, para abordar acerca da festa e religião em suas novas temáticas, Camurça destaca a revitalização da idéia absoluta de que Festa e Sagrado mantêm uma preeminência sobre os acontecimentos e contextos, cujo processo encontra-se no artigo de Simone Oliveira (*apud* Camurça, In: Pereira, M. e Camurça, M., 2003), que enfoca o Grupo de Foliões “Três Reis Magos do Oriente” em Juiz de Fora, no qual reforça a ação modernizadora da sociedade na “Folia de Reis”.

Simone Oliveira afirma que o festejo é algo presente em quase todas as manifestações humanas. Mas, não está sempre relacionada ao fenômeno religioso, ainda que, no Brasil, sejam fortes as relações entre o caráter religioso e o secular das festas. Esta autora afirma que elementos religiosos são encontrados em festas ditas seculares até mesmo profanas. A historiadora acrescenta que a ‘casa’ e a ‘rua’, estudados por DaMatta são ambientes complementares cujos atores pretendem começar em um ambiente e acabar em outro, de modo que o festejo oscila entre as duas esferas.

Para Roberto DaMatta (1991), as festas são fenômenos recriadores e resgatadores do tempo, espaço e relações sociais. As festas, diz DaMatta mantêm a sociedade como tal e a reabastece de energia com esse momento de fuga, mas também reforçam as formalidades sociais.

CAPÍTULO III

FOLIA DE REIS: UMA FESTA POPULAR

3.1 Características gerais da Folia de Reis no Brasil

Carlos Rodrigues Brandão (1985b) salienta que a Folia de Reis é uma festa popular organizada por leigos, e que foi trazida ao Brasil pelos Jesuítas e introduzida pela Igreja Católica como parte da liturgia para a catequização indígena e africana para o controle simbólico da ordem social.

O antropólogo Jadir Pessoa (1999) e membro da Comissão Goiana do Folclore, afirma que ainda que a globalização ganhe estrondosas forças, as tradições e festas populares devem permanecer, por fazerem parte da construção da identidade dos goianos. O antropólogo afirma que as manifestações que não têm função social na cultura popular desaparecem, de modo que manter tradições como Folia de Reis, Cavalhadas, quadrilhas, terços e rezas depende da continuação de sua função social. Quanto mais se desenvolve a globalização, mais se fortalece a desagregação, mas as pessoas continuam buscando festas populares por necessitarem de espaços e ambientes agregadores para a vida social. Além disso, geralmente as festas populares criam um sentimento de pertença, utilidade e reconhecimento nas pessoas.

Jadir Pessoa, que é embaixador da Folia de Reis das Lajes, em Itapuranga no Estado de Goiás, lembra que inúmeros casamentos e famílias se constituem a partir de encontros nas festas religiosas; isso significa que enquanto ponto de encontro dos jovens formadores de suas famílias, as festas tinham sua função social. Desse modo, confirma-se Eric Hobsbawm (1984) ao analisar de que forma, na segunda metade do século XIX, as tradições, sobretudo, de natureza ritual e festiva, são criadas e inventadas com uma função social de valorizar o passado dos estados-nações e de reforçar o poder de quem os dirige.

Para o Jadir Pessoa a essência da Folia de Reis é o percurso que faz pelas casas, cantando, rezando e pedindo donativos. Os elementos de devoção aos Reis Magos, com cantorias e dramatização, adquiriram diversas formas pelo Brasil. No Brasil, a Folia representa um desfile de apresentação do Reinado dos Reis Magos.

À Folia de Santos Reis Jadir Pessoa (1999) relaciona as romarias, entre parentes e entre vizinhos, entre cantos e rezas, bênçãos e peditórios. Mas, é uma romaria de anúncio

duplo por rememorar a chegada de Jesus e a busca dos Santos Reis do Oriente pelo menino anunciado, então esta romaria pratica o ato de lembrar as raízes cristãs e de festejar essas raízes. Mas, a folia é também um cortejo, uma procissão por agrupar um conjunto de pessoas que saem pelas estradas para visitar casa por casa.

Em geral, uma folia de Reis origina-se no interior de uma família ou em uma turma de amigos, que passam a ser os organizadores ou componentes das Companhias de Reis. Com o passar do tempo, a Folia de Reis vai absorvendo referências culturais locais. Conforme Pereira (2006, p. 26):

A Folia de Reis é um testemunho vivo da tradição que é passada de pais para filhos e assim, sucessivamente. No entanto, como a cultura não pode ser congelada, a própria tradição a faz-se dinâmica porque as pessoas não se limitam apenas a reproduzir, mas a construir, através de sua subjetividade, de sua interpretação e ressignificação uma realidade simbólica.

Em geral, a Folia de Reis é autônoma, ou seja, não está submetida à Igreja institucionalizada, independe, pois, de quais quer grupo ou organização.

A folia esta presente em diferentes regiões do Brasil, e continua sendo lembrada e recriada pelos católicos. Essa recriação perpassa por pequenas mudanças e adaptações, como diminuição do tempo de giro, o uso de transporte motorizado em parte do trajeto, rodízio de foliões, que, em virtude, das novas configurações do mundo moderno, têm horários fixo na jornada de trabalho.

De acordo com Brandão, a Folia de Reis tem autonomia litúrgico-organizativa, sendo protagonizada e produzida pelos leigos, devotos católicos. Esta folia não utiliza lugares oficiais de culto católico. Conforme o autor, a folia festeja os Três Reis Santos, que para a Igreja católica não são considerados santos oficiais, ou seja, sua santidade é reconhecida apenas pelo povo. Brandão ressalta, porém, que os três Reis Magos foram, sim, santificados, embora a igreja pareça não reconhecê-los. Para os devotos, os Santos Reis configuram-se em um único santo.

O objetivo da Folia de Reis é louvar aos Santos Reis, em agradecimento à proteção do Menino-Deus e às súplicas atendidas.

A Folia de Reis é um rito calendárico que, geralmente, ocorre nos primeiros dias do ano: começa no dia 1º de janeiro e termina no dia seis de janeiro, dia de Santos Reis. No calendário litúrgico oficial da Igreja consta como o dia da Epifania, ou da manifestação de Jesus aos povos.

As Funções dos participantes variam conforme a realidade local da Folia. Mas, em geral, possuem elementos comuns como:

- Festeiro: prepara a festa de encerramento;
- Folião: os integrantes das músicas e danças;
- Embaixador: responsável por esclarecer aos foliões as normas a serem seguidas durante o giro e na condução da cantoria;
- Alferes: conduz a bandeira, orienta as pessoas das casas que os recebem e recolhe as doações;
- Os palhaços: podem representar os Reis Magos como também o Rei Herodes ou seus soldados. Isto é, podem simbolizar o perseguidor ou protetor do menino Jesus.
- Gerente do giro: elabora o roteiro do percurso.

Um aspecto relevante ao se pensar em Folia de Reis é o imaginário coletivo. Para Pereira (2005) a construção do imaginário coletivo ocorre por meio de cinema, televisão, mas também por lendas folclóricas, pela religião e pela manifestação de crença de um grupo, assim a Folia de Reis está impregnada de construção simbólica legitimando as práticas que a envolvem. Fontoura (*apud* PEREIRA, 2005, p. 51) discorre que o imaginário da Folia de Reis reside:

Nos gestos, cerimônias, objetos considerados sagrados e na memória oral: crenças e casos associados acontecimentos e situações rituais da Folia, que legitimam e consagram as várias celebrações que a compõem.

Pereira (2005) destaca que o santo de devoção, por cobrar perseverança na crença e assiduidade nas tarefas, tem características de justiceiro, no imaginário popular. Na Folia de Reis, não é diferente, a ética e a fidelidade são mantidas por meio de ríspidos castigos.

Brandão complementa Pereira ao afirmar que este imaginário popular carrega os Reis Magos como santos da paz e da amizade, mas que castigam os egoístas.

Pereira (2005:72) destaca que a Folia de Reis acende no indivíduo o sentimento de pertença de um grupo com marcas de solidariedade. Para a autora:

A vivência da solidariedade que se dá através da doação de alimentos, dos grandes mutirões que prepararam a comida e a torna acessível a todas as pessoas e o sentimento de presença a um grupo que caminha de forma autônoma com suas crenças e verdades é a grande tônica da Folia de Reis.

No que tange à importância da Folia de Reis, Pereira posiciona-se (2005, p. 65) que “A partir dos elementos constitutivos da Folia de Reis, podemos afirmar que ela é uma das festas mais expressivas da religiosidade popular do estado de Goiás”. É possível, portanto, averiguar a incomensurável importância sócio-cultural e religiosa dessa prática.

3.2 A cidade de Goianira

3.2.1 Surgimento da cidade de Goianira

A cidade de Goianira compõe, juntamente com mais dez municípios, a chamada Região Metropolitana de Goiânia. Localiza-se a 22 quilômetros de Goiânia, conta com uma área total de cerca de 200 quilômetros quadrados e possui mais de 20000 habitantes. Sua densidade demográfica é de 105 habitantes por quilometro quadrado, cuja taxa supera em muito a média do Estado de Goiás de 14 habitantes por quilometro quadrado. Seu surgimento remonta a década de 1920.

Data de 1920, o início do povoamento de São Geraldo. O nome do povoado é em homenagem a São Geraldo Magella, santo italiano oficial, protetor da mocidade, introduzido por Pe. Pelágio Sautter, de cujo santo era devoto e gostaria de propagar sua devoção. Pe. Pelágio, redentorista, era vigário de Trindade, e visitava a cada semestre, as regiões rurais que abrangiam as fazendas de Pinguela Preta, São Domingos, Boa Vista, Meia Ponte, Bugre, Rio do Peixe e Mangueira, dentre outras localidades como o povoado de Goiabeiras (atual cidade de Inhumas). Sua presença era marcante diante das populações que o recebiam e, naquela época, Pe. Pelágio sempre se apresentava montado em um burrico e acompanhado de dois auxiliares (Secretaria Municipal de Educação, 1997/2000).

A finalidade das referidas visitas era a de fazer cumprir a Desobriga Paroquial, pela qual se realizavam a santa missa, casamentos, batizados e doutrinas, além disso, era o momento propício da igreja católica, através de seus sacerdotes, aproximar-se do povo, realizando cultos e administrando os sacramentos, bem como espalhar a devoção a São Geraldo Magella. Essa desobriga era realizada na localidade do povoado de São Geraldo e regiões vizinhas.

Atribui-se, conforme a Secretaria Municipal de Educação (1997/2000), o surgimento desse povoado às visitas nas fazendas da região pelo referido sacerdote. Na residência do fazendeiro Sr. Philadelphio Peres de Souza juntamente com o apoio de outros fazendeiros, quais sejam: João de Assis Pereira; José Antonio Gabriel e Joaquim Bento da Costa, fora construída uma comissão com o objetivo principal de organizar a criação do referido povoado, “sob as bênçãos de São Geraldo Magella”, como afirmam seus moradores mais antigos, o qual efetivamente se tornou o padroeiro deste povoado. Como Pe. Pelágio visitava o povoado de São Geraldo tal qual fazia na cidade de Trindade, então, podemos perceber que

Goianira é, neste sentido, um espelho de Trindade, pois nasceu fruto do mesmo objetivo religioso que manifestava na região naquele período.

Para integrar esta comissão foram convidados outros proprietários de terras que neste lugar viviam, os quais participaram da reunião que decidiria a formação e a composição da dita comissão. A comissão foi formada por:

- Presidente: João de Assis Pereira
- Secretário: José Antonio Gabriel
- Tesoureiro: Joaquim Bento da Costa
- Comissário: Bertolino Antonio dos Santos
- Comissário: João Hilário dos Santos
- Comissário: Philadelphio Peres dos Santos
- Comissário: João Moreira da Silva
- Comissário: José Moisés
- Comissário: Luiz Freire
- Comissário: Miguel Rezende
- Comissário: Juvêncio José Pereira e outros

O primeiro terreno para construção do povoado foi doado pelo Sr. Philadelphio Peres dos Santos. Porém, esta doação não pôde ser concretizada por se tratar de um “campo Santo” ou cemitério. Foi, então, que o fazendeiro João Augusto Gonçalves, proprietário da fazenda Boa Vista, se dispôs a doar um alqueire⁷ e meio de terras, em 1922, para a Igreja, onde seriam erguidos a capela e o povoado de São Geraldo.

A criação do povoado de São Geraldo Magella passa a constar, no imaginário de seus fundadores, como um mito de criação, atribuindo à pessoa de Pe. Pelágio como sendo o seu herói fundador, que foi enviado por Santo São Geraldo Magella.

3.2.2 *De Capela à Matriz (1922-1949) e de Distrito à Município (1949 – 1951)*

Segundo relatam os moradores pioneiros de Goianira, a primeira capela construída para servir de ambiente à devoção ao padroeiro São Geraldo Magella, era de “pau-a-pique” e sapé. O dia 25 de março de 1922 ficou marcado para levantamento do cruzeiro e lançamento da pedra fundamental e, ainda, pelo batismo do povoado. Nesse dia foi celebrada uma santa missa, além da realização da primeira procissão religiosa que contou com a distribuição dos

⁷ Um alqueire em Goiás, assim como em Minas Gerais, é equivalente a 48.400 m².

santinhos deste padroeiro, nos quais continham os seguintes dizeres: “*Lembrança do Levantamento do Cruzeiro no Largo de São Geraldo, 25/03/1922*”.



FIGURA 01 - Imagem cedida pela Sra. Wandair Costa.

A data de 31 de março de 1922 marca a reunião decisiva da criação da comissão para solicitar aos diversos moradores rurais, que se avizinhavam nesta localidade, recursos financeiros para viabilizar os materiais e serviços necessários à construção da nova capela, que constava de adobe, de telhas francesas e de um sino de cobre e bronze. O Sr. João Augusto Gonçalves que, inicialmente, não constava como membro da comissão, veio a integrá-la a partir do momento da sua doação de um alqueire e meio de terras de sua propriedade para a construção da Capela, ficando mais tarde, o responsável pelos pedreiros e carpinteiros. Quanto ao sino, o qual foi fabricado em Minas Gerais, o Pe. Pelágio e o Sr. Joaquim Bento da Costa se dispuseram a angariar dinheiro e a solicitar serviços para a edificação da ermida.

A inauguração da nova Capela acontecera oito anos depois do lançamento da pedra fundamental. Nessa época já havia algumas construções que se constituíam de cinco casas em adobe e telhas, apesar de, na sua maioria, as habitações serem de sapé e “pau-a-pique”.

Em 1935, São Geraldo deixa de ser povoado e a passa a condição de distrito de Goiânia, que contou com o apoio das autoridades civis e da Igreja Católica. Em 1940, o alvorecer do povoado de São Geraldo, que se transformou na criação de Goianira, já era visto como um centro de abastecimento para a construção da nova capital de Goiás – Goiânia, sendo a Fazenda Boca da Mata (vizinha das propriedades dos Corrêa), um desses pontos de apoio. Esta fazenda contava à época com uma serraria completa e fabricava portas, forro

paulista e tacos de madeira para a construção do Palácio das Esmeraldas, Grande Hotel, Cine Teatro Goiânia e demais construções da época. Foi instalada, também, na fazenda uma máquina de beneficiar arroz e café, moinho de milho, bem como uma fábrica de banha de porco. Os produtos manufaturados na Fazenda Boca da Mata eram transportados por carros de boi e destinado ao abastecimento da população de Goiânia.

Em 1940, o distrito teve seu nome alterado para Itaim, o que permaneceu até 1942. Em 1943, os políticos que direcionavam esta região alteraram a denominação outra vez para Itaitê, ficando prevalecido este nome até 1946, quando, por pressão dos moradores e pioneiros deste local frente às autoridades da capital, conseguiu-se, em 1947 o retorno à denominação original desta localidade, ou seja, São Geraldo.

A partir desta data, São Geraldo, mesmo sendo distrito, já apresentava características de cidade. Por cidades se entende, conforme afirmação de Klopper (*apud* MATA, 2002:46):

Povoações com grande número de moradores e alta densidade populacional e para concretização de sua existência efetuaram uma intensa transformação do espaço natural nas suas redondezas..

Esse conceito é muito complexo e não se aplicaria à criação de cidades como Goianira, em fins da década de 50, que tinha uma população bem reduzida e mostrava pouca transformação no seu espaço natural. Neste sentido, Goianira se enquadraria no conceito de Sergio da Mata (2002, p. 47), “cidade deve se basear num mínimo denominador comum capaz de resistir tanto quanto possível, a erosão do tempo e à prova da comparação intercultural”.

No antigo povoado de São Geraldo, recém criada cidade de Goianira, evidenciam-se características predominantes de cidade, como “produção para a troca e de comércio, difusão e intercâmbio de bens culturais e religiosos e nível mais elevado de complexidade social e étnica” (MATA, 2002, p.48).

Quanto ao surgimento da cidade de Goianira há um fator que se agrega a esse contexto que é o desenvolvimento econômico da região. Esta evolução econômica principiou nesta localidade com o plano da construção da Matriz de São Geraldo. Até 1946, na região de São Geraldo não existia sal, já que este advinha do nordeste através da estrada de ferro e a partir desta os produtos chegavam por transporte nos carros de boi. Além deste produto, outros de igual necessidade eram também consumidos e adquiridos da mesma forma: querosene, tecidos, arame farpado, açúcar entre outros.

No que tange à Matriz, esta teve sua construção iniciada em 1949. Para sua construção foram necessárias várias atividades, como a dos carreiros que conduziam carros de bois com vários tipos de cargas, cujos voluntários eram os senhores, José Ferreira da Silva, Guilherme

Bernardino Borges, Francisco Evangelista da Costa, Honório Antônio Gomes, Francisco Rosa, Luiz da Costa Freire, João Américo Ferreira de Oliveira e Candido Rezende. Esta atividade, dentre tantas outras foram de fundamental relevância, já que prestavam vários serviços imbuídos no propósito da edificação da Matriz de seu Padroeiro. Além das atividades dos serviços prestados a pequena população local fazia doações de tijolos, madeira, telhas e areia como fez dona Maria Benta, uma pioneira da cidade.

Assim, não se perdeu no tempo o trabalho destes homens e mulheres, cujos esforços hoje são reconhecidos pelo grupo de pessoas que participaram da construção da Matriz de São Geraldo, dentre os quais se relacionam abaixo seus pedreiros:

- João Gonçalves Rios
- Nilson Ribeiro D'Ávila e irmãos
- Mariano Augusto Gonçalves
- Walter Alves de Souza
- José Bento da Costa (Sr. Juca Bento)
- Honório Antonio Gomes
- José de Assis Viana (Zezinho de Assis)
- Benedito Bento da Silva (Ditinho)

Imbuídos de uma religiosidade, surge a Matriz de São Geraldo Magella, e por necessidade e esforço de seus carreiros este povoado toma seu formato econômico no contato com uma rede comercial de produtos que chegavam em Goiânia através da via férrea e eram transportados pelos carreiros até o povoado de São Geraldo.

No campo político-jurídico os avanços também foram importantes, já que era preciso legalizar e tornar independente esta localidade a fim de que ela se desenvolvesse. Esta luta pela independência política fora a principal bandeira da comunidade que vivia sob o signo da fé. Diante deste objetivo, o município foi criado pela Lei Estadual de nº 2.363 e sua instalação oficial se deu no dia quatro de janeiro de 1959, quando tomou posse o primeiro prefeito nomeado, Sr. Honório Antonio Gomes, ladeado pelas demais autoridades como o Juiz de Direito, o Promotor Público e as escritãs de cartórios e funcionários do poder judiciário.

Por conseguinte, o nome do recém-criado município, antes era São Geraldo, foi alterado para Goianira, como fruto de várias sugestões e não mais por imposição política como foram os casos anteriores. O nome de Goianira⁸ foi sugerido em homenagem a filha da

⁸ Alguns afirmam que pode ser o nome Goianira uma derivação ou diminutivo de Goiânia, a capital do estado de Goiás.

primeira professora do Grupo Escolar São Geraldo, cujo nome é Goianira. Este nome foi aprovado pela maioria da população.

A população de Goianira, atualmente⁹ é de 23.613 habitantes, dos quais a grande maioria reside na zona urbana. Sua população dobrou nos últimos anos em função do crescimento econômico. Conforme a Secretaria de Indústria e Comércio e Educação (2004), nos últimos anos foi implantado um pólo calçadista no município com 15 fábricas ao todo, com diversas marcas de calçados conhecidos regional e nacionalmente. O município conta ainda com uma grande fábrica de reciclagem de lixo, sendo que, a partir de alguns dos materiais reciclados, são produzidos pias, cercas elétricas e postes de sinalização rodoviária. A cidade destaca-se também na criação de avestruz e peixe como a tilapia. Mas, grande parte de sua população se desloca para Goiânia a fim de prestarem diversos serviços; uma outra parte da população são funcionários públicos municipais e estaduais. Há uma boa parte de pessoas que são comerciantes (supermercados, lojistas, panificadoras e prestação de serviços em geral).

Goianira é carinhosamente conhecida como capital das flores, porque no passado foi uma grande produtora de rosas que era comercializada na região, e até exportada para outros estados. Estas rosas eram cultivadas por imigrantes paulistas que chegaram em Goianira com o intuito de cultivar e comercializar rosas. Essas pessoas eram da família Melo. Hoje, já não existe produção de rosas, mas é intensa a existência de vários viveiros de plantas ornamentais e frutíferas.

A religião em todo o município está igualmente distribuída entre católicos e protestantes. Atualmente há várias igrejas pentecostais e um centro espírita na sede do município. Os católicos de Goianira festejam São Geraldo Magella - o padroeiro da cidade - no dia 16 de outubro, e São Sebastião - protetor das fazendas, do gado e contra a peste - sempre no mês de maio, por ser, segundo os moradores, um mês de estiagem, que facilita a locomoção das pessoas às fazendas, sítios e chácaras, visto que o município não é servido de pavimentação asfaltada nas vias secundárias. Em todo o Brasil, São Sebastião é celebrado no mês de janeiro pelos católicos, mas este é um mês chuvoso, o que torna inviável, para os moradores de Goianira, sua realização nessa região. No entanto, as chuvas não são empecilhos para a realização da festa de Santos Reis que ocorre no mês de janeiro e conta com grande participação da população local e vizinha. A festa de Santos Reis em Goianira é realizada, hoje, na sua grande parte na esfera urbana.

⁹ Dados de 2005 conforme censo IBGE.

A população de Goianira, assim como em vários municípios brasileiros, é composta, em sua maioria, de pessoas de baixa renda, pela falta de oportunidade tanto no campo produtivo, como no financeiro. Apenas uma fração mínima da sociedade goza de plenos recursos financeiros necessários a uma vida mais confortável. Mesmo com esses problemas de ordem econômica, a população local engaja-se em torno de festividades religiosas, como a da Folia de Reis.

3.3 Origens da família Corrêa e da folia de Reis

A Folia de Reis de Goianira é dirigida por uma família que está na cidade desde a época de fundação, a Família Corrêa.

Um dos patriarcas da família Corrêa, o Sr. Diolino Corrêa Neves, está hoje com 86 anos de idade. Muito lúcido ele se recorda como chegou ao povoado de São Geraldo: “A família dos Corrêa veio de Franca – SP, antes de 1929”.

Esta família foi chegando aos poucos e se estabelecendo na região conhecida como Boca da Mata. Seus membros adquiriram terras próximas umas das outras e foram se instalando em pequenas propriedades e trabalhando com a agricultura e criação de animais como gado, porco e galinha. Com o passar do tempo, houve um aumento quantitativo da família e seus membros seguiam suas vidas como o restante da população. Alguns dos Corrêa chegaram até a participar de um grupo de foliões que tinha na redondeza, mas esse grupo logo acabou. Em 1945, o Sr. Farnésio Cristiano Ribeiro, um fazendeiro vizinho e muito amigo dos Corrêa, principalmente do Sr. Amélio Corrêa, propôs que trouxesse uma coroa e a bandeira de uma antiga Folia de Santos Reis de Ibiá – Minas Gerais. Por vários motivos como o desinteresse e deslocamento de vários foliões para outras regiões, a coroa e a bandeira estavam paradas, não girava mais. O Sr. Farnésio sabia disso através de contatos que mantinha em Ibiá. Foi, então, que propôs a idéia aos Corrêa de buscá-la em Minas Gerais e iniciar, nas fazendas próximas ao povoado de São Geraldo, uma festa de Folia de Reis. O Sr. Farnésio viajou a Minas Gerais e a trouxe consigo. Ao chegar de volta à sua fazenda reuniu-se com seus familiares, que organizaram e promoveram a primeira festa de Santos Reis.

Em 1945, girando somente nas fazendas da região, esse primeiro grupo de foliões surgiu de duas famílias que tinham parentesco: a família dos Venceslau e a dos Corrêa. As famílias Venceslau e Corrêa se tornaram parentes porque alguns membros foram se casando entre si, tornando se cunhados etc. Assim, foi formado o grupo de foliões, sendo que alguns sabiam tocar violão, viola, caixa, pandeiro e com essa formação giraram até 1968. Desde a

criação da folia dos Corrêa algumas normas foram estabelecidas pelo Sr. Farnésio e Sr. Amélio Corrêa, como não beber enquanto está girando, respeitar os companheiros e a bandeira, não usar a sanfona como instrumento musical, não ter o palhaço como folião e, o mais importante de todas as normas, ser devoto de Santos Reis. A força da devoção faz com que os foliões não deixem de realizar a folia, conforme o depoimento abaixo:

A família Corrêa manteve a tradição. A pessoa invoca (incute) com aquilo e gosta, não larga mais, sente falta dos companheiros, a gente acostuma com aquilo. Vai chegando perto da folia todos ficam esperando a época chegar (Sr. Diolino Corrêa Neves, mar/2006).

Nos dois primeiros anos (1945-1946), o Sr. Farnésio organizou a folia e foi o festeiro. De 1947 a 1950, houve uma “falha” de quatro anos, mas não se sabe ao certo seus motivos. Em 1951, a folia voltou a “girar” com a mesma estrutura e organização. Uma última falha foi em 1965, ano em que o pai do Sr. Diolino Corrêa faleceu às vésperas da “saída” da folia. Como o Sr. Diolino era um folião muito atuante e considerado por todos como gerente, não havia clima para “tirar” a folia. Em 1967, formaram uma “foliinha” (uma mini-folia infantil) com os filhos dos foliões mais velhos, para iniciá-los no aprendizado de folião. Essa formação foi bem sucedida e muitos estão até hoje, como o Sr. Paulo Afonso Corrêa, atual gerente.

Podemos comparar a “foliinha” com a “cavalhadinha” de Pirenópolis, que por sua vez era uma manifestação popular em que as crianças, vestiam-se para a festa nos quintais utilizando espadas e cavalinhos de pau; na década de 60, acabou sendo encenada no largo do Asilo São Vicente de Paulo, no feriado de Corpus Christi. Assim, surgiu uma festa do Divino Espírito Santo infantil na Vila Matutina, em Pirenópolis. A importância dessa cavalhadinha reside no fato de que todos os personagens são crianças, que guardarão esta representação social em seu imaginário (GONÇALVES, 2006).

O Sr. Sebastião Corrêa Neves era também um desses foliões mirins e exercia a função de gerente da “foliinha”. Hoje, ele ainda é atuante, toca violão e canta. Na época, a primeira formação era de 14 pessoas.

O Sr. Diolino (mar/2006) recorda de uma passagem bem interessante na sua época de giro ainda nas fazendas.

Na fazenda do Sr. Manuel Pires (português) que havia muitas famílias morando, uma espécie de povoado, os foliões passavam de comprido (reto) não paravam na casa de ninguém, pois sabiam que eles eram crentes. Não abusavam, mas também não faziam empenho que os foliões visitassem suas casas (informação verbal).

Atualmente, a população de Goianira se constitui em grande número de protestantes, apesar da indiferença com relação aos foliões, alguns protestantes que no passado foram católicos e recebiam a folia em sua casa, respeitam esta festa, como é o caso de um antigo morador e amigo dos foliões. Este morador, que já foi festeiro, afirma que os foliões podem passar em sua casa e cantar como antigamente. Isso só não acontece atualmente porque os foliões em respeito à sua nova religião acham melhor não passar em sua casa; além disso, o giro está cada vez mais concorrido e o cronograma de visitas é muito apertado.

No que tange às razões das mudanças no giro, vale ressaltar o êxodo rural como uma das causas dessas alterações. De acordo com relatórios do Centro de Estudos Migratórios (1986):

O que ocasiona o êxodo rural em massa para a cidade é a impossibilidade de sobrevivência no campo, num país marcado pela concentração fundiária e por uma política agrícola que favorece unicamente a agricultura de exportação, deixando ao abandono grande parte dos pequenos produtores que se dedicam às culturas de subsistência.

Esse processo de expulsão ocorreu e tem ocorrido em Goianira, e os Corrêa não ficaram fora desse processo. Com isso as mudanças no giro aconteceram e embora girassem somente na zona rural, hoje praticamente o giro ocorre na cidade, pois quase todos residem na sede do município.

O Sr. Vicente Corrêa Neves, irmão de foliões e apreciador da folia, relata que essa folia dos Corrêa está na quarta geração (ver relação no anexo) dentro da família. Neves teme pela falta de novos talentos, ou seja, que os mais jovens não se interessem em aprender a tocar os vários instrumentos musicais e até a cantar. Numa entrevista com o Sr. Vicente (abril/2006) podemos ouvir seu relato sobre os motivos que unem e fazem a folia permanecer viva:

É considerada uma obrigação. É um ritual que não deve ser deixado de ser realizado. A terceira geração gosta, custa esperar a época de realizar o giro, às vezes existem os foliões que foram beneficiados com alguma graça. É juntado à devoção com o gostar do movimento da folia.

O Sr. Diolino Corrêa Neves, hoje com 86 anos, é um folião da primeira geração, uma espécie de “faz de tudo”¹⁰, sabe afinar viola, violão, rebeca; canta, é conselheiro, tirador de terço. Na atual conjuntura, este senhor é um folião, mas participa quando a sua saúde permite. Além de continuar apreciando a folia é ouvido por todos e considerado um verdadeiro patriarca.

¹⁰ Esta expressão indica que este senhor possui um acentuado conhecimento empírico, no tocante aos elementos que envolvem a dita folia.

O grupo de folia da Família Corrêa oferece a toda população goianirense um verdadeiro exemplo de religiosidade, visto que estão comumente dispostos a realizar o giro com devoção, e até incentivam os companheiros e outras pessoas.

Nós foliões não temos promessa ou voto, é mais no intuito da oração e a partir de tantos anos para cá a caridade, arrecadar, digo a pequena arrecadação para comprar as doações – cestas – e eu apego muito nas outras pessoas que fazem promessa e às vezes é válido. Que aconteceu isso ou aquilo e vem contar para a agente e eu penso em ajudar a pessoa a aumentar sua fé, a incentivar e acho que a maioria dos outros companheiros pensa assim também, eu mesmo não tenho o voto, é mais para incentivar as outras pessoas que tiveram fé (Sr. Paulo Afonso Corrêa, abril/2006, informação verbal).

Esse gesto é visto na cidade, como uma contribuição para a preservação do patrimônio cultural imaterial que é essa festa de Santos Reis. Em todas as falas e entrevistas percebe-se que a família dos foliões e os próprios foliões são agraciados com verdadeiras bênçãos. Tudo que é arrecadado em forma de ofertas - dinheiro, alimento e rifas - é investido em cestas com gêneros alimentícios e doados à população mais pobre do município. A média de cestas doadas é de mais de 350, que são repassadas às pessoas nos dias subsequentes à festa (foto no anexo nº 16).

Um outro valor que se nota é quanto ao respeito que grande maioria da população tem em relação a folia. Esse respeito foi adquirido e fez conquistar pela longa permanência de giro e o sentido de fé que o grupo de foliões tem em manifestar sua religiosidade. Também é comprovado de acordo com entrevista do Sr. Paulo Afonso Corrêa (Abril/ 2006), que a providência divina age quanto a dispensa remunerada do trabalho aos foliões que giram do dia 01 ao 05 de janeiro:

Houve caso de alguns falar: eu posso ser mandado embora do trabalho, mas não vou perder a folia, ai foi e não perdeu, quando voltou estava tudo bem. Alguns patrões liberam sem problema. Às vezes é por providência divina e às vezes o patrão teve um pouco de interesse e leu um pouquinho e sabe que o folclore é importante.

Na gestão de 1993 a 1996, muitos foliões eram funcionários da Prefeitura Municipal e o prefeito daquela gestão não queria liberá-los, mesmo assim eles foram participar da folia e depois nada aconteceu de represália.

A folia de Reis nasceu em um período marcado por dificuldades de locomoção, pois as estradas eram poucas e ruins. Essas dificuldades, aliadas a mentalidade da época de que mulher deveria ficar em casa, faziam com que a presença de mulheres nas folias fosse inexistente.

Antigamente os foliões andavam, cantavam, rezavam e pernoitavam nas casas das famílias que os recebiam, às vezes nem tomavam banho, ficavam os dias todos fora

de casa, talvez isso seria um impedimento para as mulheres acompanharem o giro. (Sr. Paulo Afonso Corrêa, abril/2006).

Atualmente, a folia conta com a participação da jovem Gisely Corrêa, que é filha do Sr. Paulo Afonso, e ajuda a tirar a reza do terço. Gisely Corrêa considera sua participação na folia, uma conquista.

Pra melhor compreender a folia de Reis da família Corrêa de Goianira, vamos apresentar sua etnografia sistematizada a partir de dados colhidos na pesquisa de campo, que realizamos durante a folia de Reis deste ano.

3.4 Etnografia da Folia de Reis da família Corrêa de Goianira

O estudo do processo de organização e da vivência da Folia de Reis de Goianira foi baseado na observação direta, resultando na etnografia desta folia, enquanto manifestação religiosa e cultural.

3.4.1 A Estrutura da Folia

A Folia de Reis de Goianira tem muita semelhança com outros grupos de foliões do interior do Brasil como o de Mossâmedes estudado por Carlos Brandão (1985a), mas em alguns pontos tem suas peculiaridade como a não opção pelo uso da sanfona e do palhaço. Trata-se de um grupo de pessoas da comunidade local que exerce, à época de giro, as funções de cantores, instrumentistas e ainda consegue ter um grande número de acompanhantes em seu giro ritual. Esse grupo visita casas de moradores rurais e urbanos, durante o período anual de festejos dos Três Reis Magos, realizado entre 01 a 05 de janeiro. Esta folia não tem seu término no dia 06 de janeiro, dia consagrado a Santos Reis. Em Goianira, conforme determinação dos foliões, seu término é realizado na véspera, um dia antes. Essa regra foi instituída pelo Sr. Amélio Correa, seu primeiro gerente, há muito tempo, conforme afirma o Sr. Diolino Corrêa (março/ 2006):

O Sr. Amélio Corrêa que foi o primeiro gerente colocou a regra de sair no dia 01 de janeiro e entregar no dia 05 de janeiro... Antigamente a folia girava mais, às vezes saiam dia 29 de dezembro.

Uma das diferenças da Folia de Reis de Goianira, com as demais do estado, consiste na ausência da figura do palhaço. Em Mossâmedes, por exemplo, conforme Brandão (2004), o “núcleo ritual” conta com um conjunto de seus cantores e instrumentistas e com um palhaço.

No da Folia de Reis de Goianira nunca existiu a presença do palhaço, conforme os relatos do Sr. Paulo Afonso (abril/ 2006) gerente da folia:

A folia dos Corrêa não tem o palhaço. Muitos dizem que o palhaço significa o rei Herodes. Mas o Sr. Farnésio e o tio Amélio diziam que o palhaço não poderia existir porque o palhaço tira a atenção das crianças... é para não desviar a atenção de todos.

Em Goianira essa folia, ou essa manifestação de fé e religiosidade, é conhecida por a Folia de Reis dos Corrêa e seus integrantes são chamados de foliões enquanto giram. Após a festa não são chamados no dia-a-dia de foliões, mas pelo próprio nome de cada um.

O grupo de foliões é todo do gênero masculino, de forma que as mulheres só participam indiretamente como cozinheiras, acompanhantes dos foliões nos pousos e na festa. Elas ainda ajudam a rezar o terço, mas não participam nos ritos de cantoria e peregrinação do giro.

O grupo de foliões pesquisado é de católicos praticantes. Ele é integrado por pessoas que se envolvem com os trabalhos paroquiais, participam de missas, ajudam fervorosamente nas festas do padroeiro da cidade, entre outras atividades pastorais. São pessoas que professam em sua maioria a fé católica. Convidam o padre local para participar da folia e este quando pode comparece, mas não dirige nenhum rito ou faz celebração, participa como um convidado.

As crianças também participam da folia acompanhando seus pais. Algumas já acompanham como pequenos aprendizes e violeiros, cantores ou tocando algum outro instrumento como a caixa.

A organização do grupo de foliões obedece regras que foram internalizadas pelos foliões através do longo tempo de sua existência, desde a sua criação. Os participantes e alguns moradores já sabem o que cada um faz, a sua posição na hora da cantoria, qual instrumento a tocar, a quem obedecer aos chamados. O gerente, Sr. Paulo Afonso, por exemplo, exerce uma autoridade incontestável perante os foliões, assim como Sr. Amélio Corrêa exercia em tempos idos:

Me lembro que no tempo do tio Amélio já havia muito respeito. Nunca foi preciso estabelecer regras para que todos fossem rezar e ficar bem concentrados. Tudo foi por espontaneidade, nunca foi preciso ditar regras para se comportar. Houve uma época que estava tendo muita pinga, não que houve baderna, mas havia uma certa descontração. Então o tio Amélio chamou a atenção que a partir daquele dia a folia se chamaria 'ama seca', uma lei para que todos não levassem adiante o uso de bebida. Então a partir daquele dia o uso de bebidas foi corrigido e hoje se bebe muito pouco, não atrapaalha (Sr. Paulo Afonso, abril/ 2006, informação verbal).

Assim a organização acontece de forma natural e espontânea, obedecendo ao mínimo de regras.

3.4.2 *As funções de cada Folião*

Assim como a Folia de Mossâmedes estudada por Carlos Brandão (2004) comporta pessoas que exercem a função de embaixador, gerente e foliões; a folia de Goianira também obedece à mesma terminologia e hierarquia de embaixador, gerente e foliões.

O embaixador é o responsável pelo grupo de foliões nas cantorias sempre fazendo a primeira voz, no caso da Folia de Goianira é o Sr. Joaquim Corrêa Neves, que está nesse ofício há muitos anos e não só na folia de 2006 por nós observada. Este senhor exerce essa função porque conhece os cânticos e ritos e é uma espécie de guardião da memória da folia, mantendo o compromisso de seguir firme o giro e a participação nos festejos. Ser embaixador requer muita responsabilidade perante os companheiros e na Folia de Reis de Goianira esse cargo é vitalício e Sr. Joaquim o conquistou naturalmente por reunir as qualidades acima mencionadas. Conforme Sr. Paulo Afonso (abril/ 2006, informação verbal) há uma preocupação quanto ao destino da folia nesses cargos:

Há um pouco de preocupação porque interesse até tem dos filhos nossos, assim como nós não herdamos tantos dons como os do meu pai (Sr. Diolino), os nossos filhos menos ainda, é preocupante. Essa turminha nova não aprende a cantar, esses mais novos não tem o dom. E outra, afinar viola, por exemplo, meu pai, Arlindo, Farnésio afinavam, hoje resta eu que aprendi, o Arlindo faleceu, se eu morrer e meu pai então fica sem quem afina viola. O Joaquim sabe tirar a cantoria de memória e até improvisa, mas até hoje ainda não tem outro que sabe fazer o que ele faz.

O gerente cuida da disciplina do grupo, estando a cargo do Sr. Paulo Afonso Corrêa que surgiu naturalmente por ser uma pessoa que exerce liderança no grupo, que sabe conduzir a reza do terço e chama à atenção nos momentos que é preciso. Paulo Afonso Corrêa controla horário e o uso de bebidas alcoólicas que é proibida durante todo o giro (conforme depoimento anterior), sendo permitida a ingestão de bebidas alcoólicas somente no último dia da festa, depois da entrega da coroa ao novo festeiro, quando terminada a parte religiosa da festa.

Folião é o nome dado a todo participante da peregrinação da Folia de Reis em Goianira, seja ele o embaixador, o gerente e o acompanhante permanente, mas visitante não é considerado um folião, é um convidado ou um participante esporádico. Os foliões da Folia dos Corrêa não usam uniformes ou qualquer tipo de roupa especial. Mas se distinguem de todas as outras pessoas por uma pequena fita vermelha em forma de laço, um feixe de

pequenas flores vermelhas de plástico e um rosário em miniatura todos pregados com um alfinete sobre o bolso da camisa. Além desse distintivo usam uma toalha¹¹ (tipo estola) branca bordada com as iniciais do nome de cada folião na cor vermelha, feita cuidadosamente pelas mulheres dos foliões. Quem não tem esposas geralmente recebe uma toalha pronta feita voluntariamente por uma outra mulher de folião.

O *festeiro*, que é responsável por realizar a festa de saída e chegada da folia, é escolhido pelo grupo através de apreciação observando as qualidades da pessoa que se prontificou assumir esta responsabilidade. Essa escolha não se dá através de sorteio, conforme depoimento do Sr. Paulo Afonso (abril/ 2006):

Houve uma época para cá que colocaram uma lei de o festeiro ser escolhido através da espontaneidade. Então se não aparecer um festeiro por livre e espontânea vontade, a coroa será colocada na igreja e ficará a espera de um festeiro, mas isso não foi preciso porque sempre apareceu.

O *festeiro* é um voluntário que se apresenta ao embaixador e gerente e se compromete a realizar a festa arcando com os gastos do almoço (ver foto 11), refrigerantes, doces, jantar e organização do espaço para receber os foliões e convidados. No início da Folia de Reis em Goianira, a arrecadação das ofertas durante o giro era repassada para o festeiro custear as despesas da festa de chegada, então não havia a preocupação do festeiro em ter dinheiro pra realizar a festa.

A Folia dos Corrêa nunca ficou sem festeiro, pois eles acreditam que sempre os Santos Reis providenciam um. Uma pessoa sem recursos financeiros também pode ser um festeiro, pois essa contará com a solidariedade de pessoas que são parentes, comerciantes e outras para doar todos os gêneros alimentícios necessários para realizar o almoço de “saída” e o jantar de “chegada”. Através das observações de campo e entrevistas é possível perceber que o festeiro não se sente cansado, nem acha que gastou sem necessidade. É um sentimento de satisfação e obrigação para com os Santos Reis.

Os foliões durante todo o giro ou parte dele têm algumas funções a cumprir, como o caso do Sr. Jaci (é considerado folião, mas não toca nenhum instrumento musical e nem canta) que segue a folia há muitos anos. Ele desempenha o papel de conduzir as pessoas como se portarem no momento certo de receber a bandeira. Esta função é semelhante àquela de um mestre de cerimônias. É muito comum pessoas seguirem a folia por devoção a Santos Reis e por estarem cumprindo voto ou promessa por alguma graça recebida. Muitas vezes, há

¹¹ Segundo sr. Osanir Venceslau a toalha, nos primórdios do grupo de foliões em Goianira, servia como forro de mesa para colocar a comida nos lugares onde eles se alimentavam. Hoje, é usada como um distintivo entre folião e o restante dos participantes da folia.

peças que seguem também a folia, mas não desempenham nenhuma função específica, apenas rezam e participam da festa.

Voltando ao papel do embaixador, este tira a cantoria de memória, não utilizando nenhum cântico escrito. Na maioria das vezes, ele age como um repentista, improvisando cânticos de acordo com a organização e ambientação do espaço como a entrada da casa e a ornamentação do altar. O embaixador é uma pessoa que canta bastante, utilizando muita água para hidratar-se e mesmo assim ao final da folia se encontra com muita rouquidão. Ele faz a primeira voz e os foliões repetem os versos na 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª voz. Durante a cantoria ele se coloca de frente pra outro folião, que comanda a resposta do canto. Estes dois cantores principais fazem-se acompanhar de violões e violas. Os foliões, que ficam posicionados atrás, terminam as estrofes respondidas ao embaixador emitindo nas suas últimas palavras do verso final, um longo e muito fino grito, que em muito se assemelha com a descrição de Carlos Brandão (2004) sobre da folia de Mossâmedes.

Os músicos e cantores ao se posicionarem para cantar seguem a estrutura semelhante a que foi descrita por Brandão (2004):

* Alferes fica à frente do grupo, segurando a bandeira.

| | | | |
|---------------------|---|---|-----------------------------|
| Embaixador (1ª voz) | * | * | (2ª voz) resposta (gerente) |
| Folião (3ª voz) | * | * | (4ª voz) Folião |
| Folião (3ª voz) | * | * | (4ª voz) Folião |
| Folião (5ª voz) | * | * | (6ª voz) Folião |
| Folião (5ª voz) | * | * | (6ª voz) Folião |
| Instrumentista | * | * | Instrumentista |
| Instrumentista | * | * | Instrumentista |
| Seguidores | * | * | Seguidores |

Os asteriscos representam as pessoas participantes da folia. O grupo é composto por mais ou menos 14 pessoas executando a cantoria e tocando, mas existe o folião reserva para trocar quando alguns estão cansados. Esse cuidado de revezar foi estabelecido para que todos pudessem ser um bom folião, porém sem perder o estímulo de cantar e tocar.

A folia de Reis de Goianira tem pelo menos quatro violões, uma rebeca (antigo instrumento popular semelhante a um violino), dois pandeiros, duas ou três caixas (tambores acústicos). Nessa folia nunca existiu sanfona, como nos disse Sr. Diolino Corrêa (março/2006): “A sanfona domina (som muito alto) os outros instrumentos por ser uma escala só, não deixa aparecer com clareza o som dos outros instrumentos”.

Dessa forma, o grupo de foliões da Folia dos Corrêa é um conjunto de pessoas ligadas por parentesco e laços de afinidade entre si que realiza todo ano um giro pela cidade e também zona rural (embora as visitas na zona rurais sejam esporádicas) de Goianira cantando e tocando em favor a Santos Reis. Eles não dançam durante a cantoria por considerarem o momento sagrado e não fazem qualquer outro tipo de coreografia cênica. A cantoria aos Santos Reis é um modo de oração coletiva que os une ainda mais e é uma forma adotada para demonstrar sua devoção aos Três Reis Magos. Toda a cantoria é permeada de gratidão e história sobre o encontro dos Reis com o Menino Jesus e sua família por ocasião do seu nascimento.

A cerimônia de cânticos na entrada da casa que dá o pouso, a reza do terço e outros cânticos no altar tem duração de mais de três horas.

A dança de forró, pagode ou outra não é adotada durante o giro por considerarem que elas podem deixar os foliões muito cansados para o dia de giro seguinte. O único tipo de dança que acontece esporadicamente quando há pedido do dono da casa que deu o pouso é o catira, que é dançado por todos. Porém, o catira só acontece quando há disposição da maioria dos foliões para dançar. Geralmente, ao final do dia todos estão muito cansados do giro.

3.4. 3 A Viagem da Bandeira

A missão da folia de Reis é cumprir uma jornada. Durante cinco dias a bandeira viaja da casa do festeiro do ano (almoço da saída), percorre em visita todas as casas de ex-festeiros e foliões, bem como as casas de pessoas que dão o pouso¹² até novamente a chegada na casa do festeiro onde ocorre o término do giro.

A cada dia, o grupo de foliões sai da casa onde foi realizado o pouso anterior, por volta das dez horas (ver foto 10). Nessa casa todos se reúnem e almoçam. Esse almoço (ver foto 10) é a sobra da janta do pouso anterior que é requentada pela dona da casa. Almoçam, cantam em agradecimento aos alimentos e seguem o giro do dia previamente programado pelo gerente. Esse giro é uma visitação de casa em casa (ver foto 05), onde os cânticos são mais breves e conforme existe pedido do dono da casa, acontece a reza do terço e é servido um lanche a todos (ver foto 04). Durante um dia de giro é visitado em torno de oito a dez casas. O giro é composto por cinco dias, sendo o último dia na casa do festeiro do ano, onde costuma-se chegar por volta das 17 horas do dia cinco de janeiro.

¹² Quando a folia girava só nas fazendas as pessoas pernoitava na casa onde foi o pouso, porque era longe, hoje só fica a casa os instrumentos e a bandeira.

Há cerca de dez anos a Folia de Reis de Goianira cumpre a sua jornada durante o dia pelas ruas da cidade e zona rural visto que é tida como uma folia semi-urbana, uma vez que quase todos os seus componentes residem na cidade. À noite, param para o “pouso” em uma determinada casa previamente escolhida (oferecida).

A representação da folia para muitos é um ato religioso e representa a sagrada família, como mostra a fala de um deles:

Cada um vê a folia de um jeito. Havia esses Magos que não eram reis, depois passaram a ser reis. Eles foram visitar o Menino Jesus guiados por uma estrela e cantaram para o Menino Jesus. Hoje também nós saímos com o pensamento de que somos guiados por uma estrela. Com esse pensamento de que nasceu o Menino Deus, nós saímos para visitar..., para nós a casa do festeiro é considerada Belém. Eu, por exemplo: quando encerra a folia, aí eu penso encontrarmos o Menino Deus. E aí termina a folia. A capanga onde é recolhida a oferta representa os presentes que o menino Jesus ganhou. Eu não sei o que Maria e José fizeram com os presentes, mas eu sei o que nós fazemos com os presentes, que é comprar gêneros alimentícios e doar para as famílias carentes (Paulo Afonso Corrêa, abril/2006, informação verbal).

3.4.4 O almoço da “saída” da Folia

Depois da reza do terço que é feito por volta de 12:00h é servido um farto almoço aos foliões e convidados. A comida oferecida pelos festeiros é saborosa e rica em diversidade de pratos. São servidas variedades como: arroz com galinha; arroz com guariroba; tutu de feijão; feijão tropeiro; angu de milho verde; costela com mandioca; frango caipira ao molho; almôndegas; carne de panela; saladas verdes; salada de legumes; molho de pequi; dentre outras.

A comida é servida em grandes panelas que são trazidas pelos homens e mulheres e colocadas sobre a mesa, quando, então, o dono da casa convida inicialmente os foliões para se servirem e em seguida os outros convidados. Quando não há assentos, todos se alimentam em pé ou acorados. A mesa é usada somente para servir a comida. Logo após a refeição principal é oferecida também uma boa variedade de doces caseiros como sobremesa.

Terminado o almoço, ainda com as panelas expostas à mesa, todos os foliões rodeiam-na e cantam em agradecimento ao alimento recebido. O cântico de abençoar a mesa não é acompanhado por instrumentos musicais. De acordo com os foliões, nunca podem comer sem agradecer o alimento ofertado. É como se rogasse as graças a todos e em especial a família que ofertou tão generoso almoço. Fatura de comida representa prosperidade que Santos Reis conservarão, àqueles que gentilmente ofertaram a comida aos foliões e povo em geral.

Terminado o cântico de agradecimento à mesa, imediatamente, segue-se uma série de vivas, clamada por foliões e respondida por todos. O Sr. Sebastião Corrêa é a pessoa indicada todas às vezes a clamar: Viva Santos Reis! Viva Jesus Cristo! Viva Nossa Senhora! Viva aos foliões! Viva aos donos da Casa! E por último, viva a religião católica! E viva as cozinheiras!

Após os vivas é a hora de iniciar o giro. A bandeira depois de ser beijada pelos presentes é percorrida por todos os cômodos da casa com seus donos, numa forma de “abençoar”, aí então é reincorporada ao grupo e com ela à frente abrindo caminho, a folia começa a se afastar da casa dos festeiros. A partir daí, ela fica em jornada ou giro até o dia 05 de janeiro.

3.4.5 A “saída” da Folia de Santos Reis

O ponto de saída da folia é a casa do festeiro do ano, que é preparada para receber e despachar os foliões para sua jornada (giro). Geralmente, ao lado da casa, em uma varanda, barraca ou tenda é colocada uma grande mesa, que é coberta com as melhores toalhas que a dona da casa tiver para servir o almoço.

Nas dependências do interior da casa, geralmente na sala, pois o festeiro acredita que a bandeira tem que ser recebida do lado de dentro da casa como uma forma de abençoar toda a residência, é montado um simples altar, sendo que alguns preferem fazer uma lapinha que chamam de presépio. Neste altar ou presépio ficam dispostas imagens de santos que o dono venera como bíblias, crucifixo, rosários, velas que são acesas no momento da reza do terço e um vaso com flores. A bandeira só é colocada sobre o altar no meio da cantoria e conforme determina o verso cantado (descrito na página seguinte) ela é o objeto central e mais venerado de todo o altar, sendo beijada pelos foliões após a reza do terço e demais pessoas presentes que queiram reverenciá-la.

No momento da concentração dos foliões e participantes para deflagrar a saída da folia (ver foto 02), antes das cerimônias religiosas, acontece muito bate-papo felicitações de um novo ano, reencontros de pessoas que não se viam há muito tempo, enfim espaço para socializar o dia-a-dia. No entanto, quando é convocado pelo gerente para rezar o terço alteram-se os códigos de conduta. O silêncio acontece, os homens tiram os chapéus, bonés, ninguém fala em voz alta, algumas pessoas se colocam de joelhos. Geralmente, é um momento de recolhimento interior e muitos pedidos são feitos a Santos Reis no íntimo de cada um.

A “saída” da folia na verdade é o começo do giro (ver foto 03), de modo que é realizada na casa do festeiro e revestida de uma aura muito grande. A cantoria acontece no final de cada pouso, giro e “chegada”. Segue abaixo a letra desta cantoria:

Adorai, oh, meus amigos
E que vamos começar.
Pai, filho e Espírito Santo
Dai-me forças pra cantar.
Oh! Meus nobres companheiros
Reunimos outra vez.
Com alegria e muito além
No dia de Santos Reis.
Recebei a Santos Reis
Neste belo calendário.
Os três reis do oriente
Nós somos os funcionários
Ao senhor, nobres festeiros
Todos com grande alegria.
E passar o ano inteiro
Aguardando estes dias.
O significado desta folia
Dai-me todos testamentos.
É uma bela história
E um grande acontecimento.
Este e o recado que trouxemos
É a história de três pastor.
Era cheio de bondade
Com humildade e amor.
E essa bela história
É gloria com muita luz
Ela foi acontecido
Nascimento de Jesus
A 25 de março
É que foi anunciado
E o dia de nascer

O rei de todo reinado
Corajosa e misteriosa
Uma virgem concebeu
Pela força do Espírito Santo
Foi que isso aconteceu
Essa virgem tão querida
O seu nome era Maria
No dia de dar a luz
Ao menino Deus – Messias
Era uma nobre mocinha
Tão humilde criatura
Passou a ser Nossa Senhora
Apesar de virgem pura.
25 de dezembro
Naquela sagrada hora
Que nasceu o Menino Deus
Filho de Nossa Senhora.
Com calor em alta voz
Deus nos disse amor também
E foi chegando aonde
Com o carneiro, ela em Belém
Bem no dia em que nasceu
Em bercinho de cristal
Nasceu numa manjedoura
Apesar dos animais.
Bem no dia em que nasceu
Em lençol de ouro fino.
Para dar exemplo ao povo
Foi nascido esse menino
A história de Jesus
Tem sentido, o santo amor.
E o nosso redentor
Grande salvador do mundo
Esta é uma bela história

Com Maria e o redentor

A história dos pastores

Que foram santificados

Era esse o seu nome

Grande nobre Baltazar

E o outro companheiro

O seu nome era Gaspar

Ao menino Deus – Messias

Eu também quero adorar

Dê as mãos ao menino

Por meio da adoração

Para Glória do menino

A manjedoura enfeitada

Sobre esta manjedoura

Estava a virgem e São José

Para adorar o menino

Com muito respeito e fé

Oferecemos os presentes

Com grande prazer e fé

E levaram para Jesus

Muito ouro, mirra e incenso

Fazendo essa semelhança

Viajamos hoje em dia

Os três reis foi em Belém

Foi guiado de uma estrela

(Neste momento o alferes pega a bandeira)

Deus nos salve essa bandeira

Dos três reis da monarquia

São José e Nossa Senhora

O menino Deus messias.

Senhores valores festeiros

Alegrai seu coração

Os três reis do oriente

Foi em busca de devoção

O alferes da bandeira
 Filhos da virgem Maria
 Recebei, nossa bandeira
 Porque ela e nossa guia
 Quando neste mundo for
 Haja o céu com as portas abertas
 Você agora recebe
 O vasilhame das ofertas
 Nós vamos sair então
 Deus na frente paz na guia
 Vamos todos acompanhar
 Os três reis da monarquia
 Nós vamos sair então
 Neste momento, nesta hora.

3.4.6 O terço

O terço é o momento culminante das visitas. É dedicado a recitação do pai-nosso, das ave-maria, salve rainha, creio em Deus pai, em homenagem a Nossa Senhora e ao menino Jesus. O terço é rezado, sempre após a cantoria, durante os giros, nas casas, cujos donos o solicita, como também na casa do festeiro por ocasião da “saída” e “chegada” da folia. Reza-se o terço na casa do visitado, diante do altar ou presépio (foto 15 e 16), e parte dos devotos ficam em volta do rezador e seu ajudante. Nessa folia, o papel de ajudante em tirar o terço é exercido e pela jovem Gisely, única mulher que acompanha os foliões em todo percurso do giro e que é respondida pelos foliões, donos da casa e visitantes. O gerente da folia traz consigo seu rosário, a leitura bíblica escolhida e os cânticos a serem entoados por todos os foliões e participantes.

Devem estar presentes na sala na hora da reza: todos os foliões; os donos da casa, seus filhos e outros familiares; pessoas que acompanham a folia; e convidados. A reza do terço é fervorosamente recitada pelos foliões, mas também há participação de grande número de mulheres, esposas, namoradas, noivas dos foliões nos pousos. Conforme observado, nos pousos realizados no ano de 2006, dificilmente faltava alguma mulher de folião no momento

do terço. Nota-se também que elas não “tiravam”¹³ o terço, nem faziam intenções de orações em voz alta, só ajudavam a responder as orações, havendo, pois, um predomínio muito forte de voz masculina no espaço.

O terço é precedido de vários pedidos (intenções) feitos pelo gerente e pelos donos da casa. Estas intenções consistem na obtenção de boa saúde aos familiares da casa, de se ter um bom giro, e pelas intenções de pessoas que já faleceram. Os foliões conforme o Sr. Paulo Afonso (abril/ 2006), “consideram a reza do terço como uma das obrigações da folia e nunca se negam a fazê-la”.

Terminado o terço, no dia da “chegada” os donos da casa oferecem uma queima de fogos, em que anuncia a toda a vizinha que o terço chegou ao seu final e agora começa a parte festiva, ou seja, o jantar, os cumprimentos, as conversas de compadres e de amigos. Enquanto os fogos são queimados, as pessoas se encontram perante o altar onde cantam o cântico *Noite Feliz*, e segue-se uma enorme fila para o beijamento da bandeira de Santos Reis, que é sempre iniciada pelos foliões e seguida pelos demais. É um momento de grande reverenciamento onde os devotos pedem graças. Em depoimento, a Sra. Ironilda Corrêa (abril/2006) relata que “Todos os anos acompanha a folia e nos momentos das intenções, faz as suas preces em silêncio perante a bandeira no altar e tem sido atendida conforme a vontade de Deus”.

3.4.7 A Bandeira e a Coroa de Santos Reis

A bandeira de Santos Reis (ver foto 01) é investida de sacralidade e representa o objeto principal do culto que conduz e guia os foliões na peregrinação. Para os foliões, a bandeira é considerada a Estrela Guia, como foi a estrela D’alva na época que Jesus nasceu e serviu para guiar os Três Reis Magos até o local que Jesus se encontrava recém nascido. O importante da bandeira é o valor simbólico que ela representa, dando sentido popular ao culto. A figura da bandeira consiste em um retângulo de tecido em cetim da cor vermelha¹⁴, com uma estampa de papel dos Santos Reis pregada no centro, de forma que ela é muito enfeitada por todos os lados com flores de tecido ou plástico e com muitas fitas em cetim penduradas, nas cores branca, amarela, azul e laranja penduradas. Em suas bordas são colocados adereços vermelhos em forma de franjas.

A bandeira é carregada pelo *alferes*, considerado um folião temporário. A cada ano uma pessoa da comunidade exerce essa posição. É uma pessoa que pede para sair girando

¹³ Expressão designada à totalidade de orações que envolvem o terço católico.

¹⁴ Com relação à cor da bandeira, os foliões a utilizam seguindo a tradição que herdaram.

com o grupo de foliões porque precisa pagar uma promessa, ou é parente de foliões e gosta de girar, ou ainda porque aprecia a folia e quer experimentar. Pode ser até duas pessoas que conduzem a bandeira, depende do arranjo do grupo, organizado pelo gerente. Por ser a pessoa que carrega a bandeira, o *alferes* é um personagem importante e está à frente do grupo. Ao chegar nas residências, a bandeira ocupa o lugar de destaque no altar entre todos os outros objetos simbólicos, é o objeto mais reverenciado, tocado e beijado. Entrando nas casas a bandeira é passada às mãos do dono da casa e de sua esposa, que a segura durante a cantoria. Terminada a cantoria ela é colocada no altar para receber as orações do terço. Após a parte religiosa, ela continua no altar. O altar de pouso é mais bem organizado, com imagens, estampas de santos da preferência do dono da casa, velas, bíblia e outros, do que em relação ao altar das casas que são visitadas durante o dia, em uma visita rápida de peregrinação. Já o altar da “saída e chegada” da folia é maior, tem mais requinte, com santos, flores, bíblia, rosários, crucifixos e até um presépio representando a sagrada família sendo visitada pelos Reis Magos. Entre esses variados tipos de objetos simbólicos, há a centralização da bandeira. Quando é um pouso, ela permanece no altar até o dia seguinte, quando os foliões retornam a mesma casa para buscá-la, juntamente com os instrumentos musicais, dando prosseguimento ao giro.

Quando todos os convidados se dispersam e os foliões vão embora é um momento íntimo de devoção da família. Então, o dono da casa ou sua esposa pega a bandeira solenemente e sai com a mesma visitando todos os cômodos da casa, benzendo-os.

Geralmente, a bandeira, em seu giro diário, recebe notas de dinheiro que são pregadas em volta da estampa pelos fiéis, embora seja um ato profano pregar dinheiro em um objeto considerado sagrado é aceito pelos foliões momentaneamente para não desagradar o ofertante. Posteriormente, esse dinheiro é retirado da bandeira e colocado na capanga de ofertas. A capanga é feita de tecido em brim na cor vermelha com alças e colocada a tira-colo no ajudante da folia, a mesma pessoa que ajuda o gerente a tirar o terço, nesse caso a jovem Gisele Corrêa. Toda oferta em dinheiro é colocada dentro dessa capanga que só é aberta no final da folia, na festa de “chegada”, quando é contabilizado o montante arrecadado e proclamado a todos.

O Sr. Paulo Afonso Corrêa, gerente da folia, relata que a ornamentação ou reforma da bandeira fica por conta do festeiro do ano. A bandeira não fica na casa de nenhum folião durante todo o ano, mas na casa do festeiro que pegou a coroa. Alguns festeiros a guardam enrolada dentro de um armário ou caixa, outros deixam exposta na sua sala de visita. Há alguns, como o Sr. Jose Orlando, festeiro em 2003, que durante sua guarda, carregava a

bandeira pelo menos uma vez no mês para a casa de parentes ou amigos por ocasião de aniversários, para rezar o terço. Esse ato foi considerado a época muito louvável pelo embaixador da folia e demais foliões. Esse giro temporão da bandeira pelo festeiro, contabilizou treze casas durante o ano.

O Sr. Paulo Afonso Corrêa (abril/ 2006) relata como a bandeira é reformada e seu o significado para os foliões:

Hoje a bandeira é outra. A bandeira todo ano é mudada os enfeites, os panos a estampa. Mas todo ano enxergamos nela a sagrada família e os Três Reis. Muda a bandeira, mas a fé e devoção permanecem, como se fosse aquela primeira bandeira a chegar aqui em 1945.

A representação da família de Jesus e dos Três Reis Magos é internalizada por todos os foliões e os faz deslocar em peregrinação. Receber a bandeira em casa é um sinal de prosperidade, é como se fossem os presentes ofertados pelos reis ao Menino Jesus. Essa prosperidade é conferida na entrevista com o Sr. José Orlando (maio/ 2006):

Recebi a bandeira de Santos Reis em minha casa pela primeira vez em 2001, de lá para cá só tenho recebido bênçãos de saúde, trabalho e união da minha família. Esses são os maiores presentes que poderia receber de Santos Reis.

A Coroa possui valor religioso, social e político na medida em que a pessoa coroada se investe de sacralidade, acreditando receber um presente, assim como o Menino Deus recebeu dos Três Reis Magos. Ao receber a Coroa, a pessoa é investida de novo *status*, significando uma posição diferenciada (poder) dos demais foliões e a comunidade local. Ela é usada somente no final da festa, “o dia da chegada”, por ocasião da transmissão de um festeiro (o festeiro do ano para o festeiro do ano seguinte). O coroamento do novo festeiro, bem como o “descoroamento” do festeiro do ano anterior é carregado de muita emoção e simbolismo. Significa que a partir do momento que o festeiro pega a coroa, ele se responsabiliza em patrocinar e realizar a festa seguinte. É um ritual que envolve muita solidariedade e cumplicidade. Para os foliões a coroa marca uma posição de hierarquia, definindo a certeza da continuidade da folia no ano seguinte. A simbologia coroa representa uma posição de destaque no ritual, no entanto, segundo Brandão (2004, p. 386) “não estabelece relações entre pessoas e a divindade, através do ritual”.

3.4.8 O giro

Giro é a movimentação ou peregrinação dos foliões de casa em casa durante a jornada da folia. É o trajeto feito entre os pousos, quando a folia cumpre a obrigação de passar de casa em casa pedindo esmolas, cantando e rezando em nome de Santos Reis. Esse giro é predeterminado pelo gerente da folia. Há um número de cerca de oito casas a serem visitadas ao dia, que são somente casas de ex-festeiros e foliões¹⁵. A visitação às casas durante o giro se dá das 11 horas da manhã até as 20 horas. São visitas mais rápidas e simples, com menos cantoria e às vezes não há reza do terço. Esse dia de giro termina com o pouso que faz parte também do giro. A cantoria é realizada na porta da casa e dentro perante o altar. Cantoria essa que, diferencia uma de outra conforme a doação de esmola e a composição do altar. Como mencionado, se há pedido do dono da casa para rezar um terço, os foliões acatam o pedido. Quando ganha uma esmola de maior valor, ou um bezerro é cantado um cântico que fala do tipo de esmola, este cântico é improvisado naquela visita.

Quando se chega em uma casa a folia é recebida pelo dono da casa e sua família. Um dos foliões, o alferes entrega a bandeira em suas mãos. Geralmente os devotos visitados a recebem se colocando de joelhos e a beijando antes de recebê-la.

Abaixo está transcrita uma dessas músicas de visita a uma casa durante o dia:

É bem vinda do momento
 E que vamos prosseguir
 Agradecemos as ofertas antes
 De nos despedir
 A senhora dona da casa
 Filha da virgem Maria
 Vós pegai nossa bandeira
 Porque ela é a nossa guia
 E Deus salve essa bandeira
 Os três reis da monarquia
 Por Jose e Nossa Senhora
 E o menino Deus Messias

¹⁵ Segundo os foliões, não dá pra fazer outras casas que não sejam essas, pois gastaria talvez mais de um mês para realizar e isso não é possível, pois todos trabalham e ninguém estaria disposto a tamanha jornada de festejos.

Deus lhe pague a boa oferta
 Deus lhe pague o consagrado
 Todos passos que vós der
 Os três reis está do seu lado
 Deus lhe pague a boa oferta
 Deus lhe pague esse bom lanche
 E Deus dá a recompensa
 E os três reis maravilhoso
 Os três reis vai o convite
 Pros festejo do seu dia
 Nós vamos rezar o terço
 Todos com muita alegria
 No altar está a bandeira
 Tenham muito admiro
 Recebei nossas ofertas
 Para nós seguir o giro
 Nós vamos seguir o giro
 Deus adiante paz aqui
 Procurando encontrar
 O filho da Virgem Maria
 E a bandeira se despede
 Ela vai e pra Belém
 Ela tem sua beleza até pro ano que vem os anjos
 Disseram amém!

A despedida acontece perante a bandeira e os donos da casa, depois os foliões retiram-se da casa e seguem o seu caminho.

3.4.9 Os Pousos da Folia

O pouso é a última das visitas às casas de um dia de giro. É um momento em que está reunido um grande número de pessoas. A pessoa encarregada de dar o pouso prepara, com antecedência de dois dias, algumas carnes e doces que serão servidos, ornamenta o altar e prepara a casa para receber a folia. O grupo de foliões é avistado de longe cantando e serpenteando pela rua que dá acesso aquela casa, enquanto isso os anfitriões os aguardam do

lado de dentro e em volta da casa (ver foto 08). A entrada da casa é graciosamente enfeitada com um arco¹⁶ de folhas de coqueiro (ver foto 12 no anexo), bacuri ou ciprestes¹⁷ (ver foto 06 no anexo) e flores, onde é colocada uma fita de papel colorido ou fita de papel em forma de corrente para ser desatada no momento da cantoria que é feita para pedir permissão para a bandeira e os foliões entrarem (ver foto 07). Desatar as correntes significa liberar o caminho que impede os santos entrarem naquela casa. Essa ornamentação de entrada das casas é típica daquela usada quando a folia girava na roça, com isso nota-se que ficou gravado na memória de seus remanescentes e preservado em sua integralidade até hoje, mesmo na zona urbana.

Os convidados e moradores aguardam ansiosos por essa entrada, às vezes andando de um lado para outro ou espalhados. Ali também se encontram todos os devotos que moram na vizinhança e não há necessidade de convite formal para participar dos festejos. As pessoas ficam sabendo da folia e se sentem automaticamente convidadas por Santos Reis.

Os foliões ao fazerem a organização de entrada da folia se posicionam em fila indiana, serpenteando na rua e cantam anunciando a chegada dos Santos Reis:

Bandeira vinha voando

Nesses dias de janeiro

Vem dizendo viva a vida

Filho de Deus verdadeiro.

Bandeira vinha voando

Toda cheia de flor

Vem dizendo viva a vida

Viva estes moradores.

Bandeira vinha voando

Toda vez batendo asa

Vem dizendo viva a vida

Viva os donos da casa.

Bandeira vinha voando

Nesses dias de janeiro

Vem dizendo viva a vida

Filho de Deus verdadeiro

¹⁶ Os atuais foliões não deram um significado específico para o arco.

¹⁷ Planta usada em floriculturas para fazer corbélias ou arranjos decorativos para festa, que planta exala um cheiro forte.

Após essa cantoria, há um momento de recolhimento interior e todos entram na casa. Nos rostos dos foliões é visível o cansaço de um dia intenso de giro, mas parecem felizes por cumprir seu dever. Percebe-se que a família está muito feliz em receber a bandeira de Santos Reis e mais uma vez os foliões se organizam e cantam uma das mais belas cantorias de pouso, conforme transcrita abaixo.

Os três Reis aqui chegou
Todos cheios de alegria
Vem-lhes fazer uma visita
Filhos da virgem Maria
Os três reis estão viajando
Fazendo visitação
Refletindo nas idéias
No cantar de um folião
Ao chegar na sua casa
Encontrou rostos contentes.
Mostrando que são devotos
Dos três reis do oriente.
Ao chegar em sua casa
O portão enfloresceu.
25 de dezembro
Que Jesus Cristo nasceu
Isto foi acontecer na cidade de Belém
Nasceu o Menino-Deus
Nasceu para o nosso bem
Os três reis do oriente
Eles eram três pastor
Eles foram escolhidos
Para adorar o redentor
Eles foram em Belém
Foi guiado de uma estrela
E viajam hoje em dia
Retratados na bandeira

Senhora dona da casa

Com seu bom coração

Na passagem dos três reis

Pode abrir esse portão

Senhora dona da casa

Mais a sua ação perfeita

Recebei nossa bandeira

Com a sua mão direita

Senhora dona da casa

Alegrai seu coração

Pois esta é vossa fé

Os três Magos, os três irmãos

Ó minha nobre senhora

Ao pedir em cantoria

Os três Reis estão lhe pedindo

Um pouso pra essa folia

Vós faz vista aqui na terra

Lá no céu vós vais morar

Vós tem sempre a sua benção

Me convide a chegar

Senhores donos da casa

É de nossa obrigação

Tome a frente do altar

Pra fazer a saudação

Pode entrar santa bandeira

Por este portão sagrado

Vai fazer sua visita

Quem estiver do outro lado

Deus lhe da paz na terra

Onde Deus fez a morada

Onde mora o cálice bento

E a escritura sagrada

Deus lhe salve nobre altar

Da toalha até as velas
 Da flor nasceu Maria
 De Maria o redentor
 Deus lhe salve nobre lar
 Com todos que estão nela
 Para nós rezar o terço

Acendei as lindas velas
 Ponho aqui um ponto final.
 Vou parar com a cantoria
 Todos gritam pra vocês
 Nesta hora de alegria!

Terminada a cantoria de chegada (ver foto 08 no anexo), a bandeira é colocada sobre o altar e começa a reza do terço, que é puxada pelo gerente da folia e respondida por todos os foliões, que neste momento se fazem todos presentes perante o altar. Os donos da casa com sua família se colocam do lado do altar. Após o terço é gritado os vivas e todos cantando noite feliz faz o beijamento à bandeira começando pelos foliões.

Há um pequeno momento de descanso e sua esposa convida para o jantar. É uma bela mesa com comidas típicas variadas. Todos os foliões se colocam ao redor da mesa e cantam, sem acompanhamento de instrumentos musicais:

Ao senhor agradecemos, aleluia!
 O alimento que teremos, aleluia!

E rezam o Pai Nosso. A partir daí está liberado para o jantar. Por ordem de prioridade os primeiros a se servirem são os foliões, em seguida, os homens, as crianças e os demais participantes. Após a refeição os foliões se aproximam da mesa, ainda com as panelas destampadas e agradecem com um breve cântico a comida ofertada.

Quando o dono da casa faz um pedido de dança do catira, os foliões a realizam. Dançam somente o catira, porque outros tipos de dança não são costumeiros.

Em seguida, o gerente faz os comunicados e avisos do dia seguinte aos demais foliões, como: os horários, as casas do giro e outros avisos. Não há cantoria de saída, todos vão

embora para suas casas descansar, permanecem na casa de pouso a bandeira, a capanga com as ofertas e todos os instrumentos musicais, simbolizando que naquela casa a folia dormiu.

No ano de 2006 foram escolhidas as seguintes casas para pouso:

- 01/01/06 1ª residência Sr. Jose Orlando e família
- 02/01/06 2ª residência Sra. Elza Corrêa e família
- 03/01/06 3ª residência Sr. José Ricardo Santana e família
- 04/01/06 4ª residência Sra. Gleidmar e família.

A escolha dessas casas se deu através de pedidos por parte dos ofertantes. Alguns dão o pouso porque querem cumprir uma promessa e outros simplesmente porque gostam e querem prestigiar o grupo de foliões e outros ainda por pura devoção conforme depoimento do Sr. Paulo Afonso (abril/2006):

A receptividade das pessoas em receber a folia em suas casas é mais por religiosidade ou por promessas, adoração aos santos, pode ser que entra um pouco de folclore, pensando em conservar, mas é a minoria. Eu acho interessante no mundo que vivemos essa religiosidade ainda acontecer. Eu ainda vejo as pessoas receberem por religiosidade, que Santos Reis vai leva eles a Deus, a obter graças, realizar promessas.

As casas visitadas são de diversas classes sociais, de maneira que caso seja uma pessoa que não dispõe de condições financeiras pra realizar um pouso, os amigos e familiares ajudam com doações.

Depois de cinco dias de giro, peregrinando, cantando, rezando, é chegado o dia da “festa”, ou seja, da “chegada” da folia, que consiste no momento mais festivo, onde comparece um número bem maior de pessoas.

3.4.10 O Dia da Festa: a chegada da Folia

A jornada de giro que começa no dia 01 de janeiro com toda a cerimônia ritual às 12 horas na casa do festeiro (ver fotos 02 e 03), termina no dia 05 de janeiro, antes da festa propriamente em homenagem aos Santos Reis, com a chegada dos foliões trazendo a bandeira até a casa do festeiro. Essa chegada se dá por volta das 17 horas e todos os foliões e acompanhantes fazem uma procissão de chegada dando voltas em círculo, tocando e cantando (ver foto 13). Para entrar na casa, têm que passar por dois arcos enfeitados (como os já mencionados). Em frente a cada arco, eles cantam uma nova música, de tal modo que no momento certo da cantoria eles rompem as fitas de papel colocadas no arco. Então, os foliões

entram com a recepção dos festeiros que os acompanham lado a lado até o altar. Há muita gente no local e o altar com um presépio é bem decorado para receber a bandeira. Nota-se que, a coroa, de papel camurça vermelho, é ricamente ornamentada com adereços dourados semelhantes a ouro. A coroa é a mesma que veio de Minas Gerais, apenas foi reformada. Já o ramalhete de flores brancas de plástico não é o mesmo que veio de Minas Gerais, mas pela descrição dos mais antigos foliões representa o original por ser bastante semelhante. Tanto a coroa como o ramalhete ficam sobre o altar para serem usados na cerimônia de entrega do novo festeiro.

Muitos fogos são queimados no momento da chegada da folia. Depois da cantoria, começa a reza do terço com várias intenções colocadas e agradecimentos pelo fim da jornada, pela saúde dos foliões e de todos. O terço é mais demorado, porque é todo permeável de cânticos religiosos e a salve rainha é cantada e não recitada. Essa salve rainha é a mesma de todos os terços, só que musicada. Após o terço, tem início a cerimônia de passagem da coroa e ramalhete. O casal de festeiro que realizou a festa fica de um lado e o casal de festeiro do próximo ano fica do outro lado. O festeiro do ano tem sobre sua cabeça a coroa, enquanto sua esposa tem o ramalhete em mãos. É um momento muito festivo e toda a transmissão de festeiro é feita cantada, puxada e respondida pelo embaixador e foliões.

Em momento próprio é tirada a coroa da cabeça do festeiro do ano e colocada sobre a cabeça do novo festeiro (ver foto 14) e o mesmo acontece com o ramalhete de flores, que é oferecido para a esposa do novo festeiro. No ano de 2006, quem foi festeira foi a Sra. Maria José Ribeiro, viúva, que na época se fez acompanhar por seu filho. Então, o filho recebeu a coroa e a Sra. Maria José o ramalhete. Terminada essa cerimônia aconteceram os gritos do viva e o gerente da folia passou a palavra para o festeiro do ano e sua esposa fazerem seus agradecimentos. São agradecimentos carregados de muita emoção e satisfação. Em seguida, a palavra é cedida ao casal de novos festeiros, que também agradece a honra de ser o novo festeiro e pede graça e ajuda a Santos Reis e a todos para realizar uma bonita festa no ano seguinte. O gerente, neste momento faz seu pronunciamento, agradecendo primeiramente a Deus e a Santos Reis, por ter concedido saúde a todos os foliões por suportarem a peregrinação; agradece ao antigo festeiro por ter realizado uma bonita festa e ter sido o guardião da bandeira por um ano inteiro; o gerente, ainda, deseja ao novo festeiro muito sucesso para realizar sua festa e conclama a todos a saudar Santos Reis com uma calorosa salva de palmas. Neste momento decreta encerrada a festa daquele ano e canta-se *Noite Feliz*, em seguida, todos começando pelos foliões, beijam a bandeira enquanto os festeiros do ano e o do ano seguinte recebem os cumprimentos de parabéns. O festeiro do ano convida a todos

para o jantar. A refeição oferecida é muito maior e mais farta do que aquela oferecida na “saída” da folia e nos pousos, pois o número de pessoas é bem mais expressivo.

No jantar, a comida consiste de arroz, frango ao molho; carne de vaca ao molho, macarronada, almôndegas, mandioca cozida, carne de porco frita, feijão tropeiro e tutu, salada de tomate com repolho, salada verde, salada de legumes, dentre outros pratos.

Como sobremesa são servidos muito doces, quais sejam: de leite, de mamão, de abóbora, de goiaba, de casca de laranja, de pau de mamão, entre outros. Esses doces são acondicionados em grandes latas feitos pelos donos da casa ou comprados no comércio local e significa que há muita fartura. Terminada a refeição é o momento de conversas entre amigos, pessoas conhecidas e danças como a catira. Neste momento da festa, após os ritos sagrados, é permitida a ingestão de bebidas alcoólicas como vinho e cachaça. Valendo ressaltar que não há forró ou outra dança, mas às vezes, conforme o gosto do festeiro, coloca-se som ambiente de vários estilos.

Abaixo está transcrita a cantoria da chegada à casa do festeiro no dia da “chegada” da folia, quando os foliões pedem licença aos donos para ultrapassarem cada um daqueles arcos descritos acima. Esses arcos representam limites simbólicos de entrada da folia na casa. Ao cantarem a música apropriada para a entrada na casa, no momento em que a letra da música ressalta esta permissão de entrada, as correntes são rompidas. Neste momento, a bandeira ultrapassa os limites de fora para dentro da casa, ou seja, do espaço profano para o espaço sagrado, investindo de sacralidade o espaço da casa.

Boa tarde nobre gente!

A todos como têm passado

Os três Reis aqui chegou

No ponto determinado

Vim trazer vida e alegria

Que tenho nesse momento

Venho cá fazendo parte

Desse grande belo evento

Neste dia tão bonito

Neste belo calendário

Os três reis do oriente

Vai conosco aqui ao lado

Eu estou agora lembrando

Que falei naquele dia
 Nós somos funcionários
 Dos três reis da monarquia
Os três reis foram visitar
Fazendo visitação
 Refletindo o nascimento
 No cantar dos folião

Isto foi acontecendo
Há muitos tempos passados
 Vinha vindo o rei dos reis
 Com este novo reinado
Fazendo essa semelhança
Que viajo hoje em dia
 Procurando encontrar
 Filho da Virgem Maria
Cada pouso que chegava
Encontrou bom coração
 Foi com todas essas viagens
 Foi possível carregar
Os presentes que ganhávamos
Entregamos aos festeiros
 Para fazer a caridade
 É uma ação de primeira
Com todas essas estagiagens
Agora neste momento
 Representando nesta bandeira
 Foi criado o nascimento
Senhora nobre festeira
E de nossa obrigação
 Tome a frente do arco
 Pra fazer a saudação
A estrela que nos guia
Os três magos acompanhou

E foi a todos levar
Onde estava o salvador
Deus salve nobre arte
Com todas suas limitações
Da flor nasceu Maria
De Maria o redentor
Na lapinha de Belém
Baltazar chegou na frente
Na passagem dos três reis
Desamarre essa corrente
Pode entrar santa bandeira
Por este portão sagrado
Vai fazer sua visita
Visitando o outro lado
Deus salve nobre lar
Onde Deus fez a morada
Onde mora o cálice bento
E a escritura sagrada
Que então tão bonito
Que fizemos na ocasião
Encontrou o nobre altar
Bandeira dos três irmãos
Senhores nobres festeiros
Tenha a Deus verdadeiro
Pra cumprir nossa missão
Recebei nossa bandeira
Vós vos tens como for
Haja o céu com porta aberta
Vocês têm, agora lembrando
Vasilhame quase aberto
Senhores nobres festeiros
Escutai o que vou falar
Então fizemos o saudoso
Tendo vós muito enfeitado

Todos gritam pra vocês
 Nesta hora de alegria
 Todos gritam pra vocês
 E aos três reis da monarquia
 Senhores nobres festeiros
 Amos com muita alegria
 Cumprimos nossa missão
 Que termina neste dia
 Viva os Três Reis!
 Viva os foliões!
 Viva nossos festeiros!
 Viva Jesus Cristo!
 Viva o povo em geral!
 Viva a religião católica!
 Palmas para os festeiros.

A cantoria é encerrada com os gritos de viva feitos pelo Sr. Sebastião Corrêa, um dos mais animados, alegres e antigos do grupo.

3.5 Os significados sociais da festa de Santos Reis da Família Corrêa em Goianira

Neste item pretendemos dialogar com algumas questões levantadas na etnografia da folia de Reis dos Corrêa de Goianira à luz dos autores abordados no início deste trabalho.

A Folia de Reis em análise é parte da expressão religiosa do catolicismo popular do município de Goianira, ocorrendo fora do espaço da Igreja e sem a presença do clero. Ainda que os leigos tenham passado para uma categoria secundária, eles possuem um papel importante nas manifestações de caráter religioso, como é o caso da Folia de Reis dos Corrêa de Goianira.

De modo geral, no catolicismo popular, os indivíduos se apegam a devoção a algum santo para confortar-se, buscando encontrar explicações para inúmeras situações humanas que não conseguem entender. Essas explicações muitos encontram em Santos Reis, quando são confortados e atendidos com graças concedidas por seu intermédio. É esse espírito de devoção que impulsiona à realização dessa Folia todos os anos.

Quando do surgimento da Folia de Reis dos Corrêa em Goianira, em 1945, o povoado de São Geraldo já vivia sob a influência do catolicismo oficial, implantado por Pe. Pelágio, que elegeu São Geraldo Magella como padroeiro do povoado. Em 1922, houve o batismo do povoado, com o levantamento do cruzeiro e a celebração da primeira missa seguida de uma procissão religiosa. E distribuição dos santinhos deste padroeiro. Podemos perceber, assim, que há uma integração de elementos do catolicismo romano e do catolicismo popular. A procissão, que é um elemento do catolicismo popular, vem reforçar as devoções dos fiéis. Conforme Libânio (1977, p.53) a procissão é a glorificação do santo, que neste caso é a glorificação de São Geraldo Magella. O santo do catolicismo popular, neste caso, foi substituído pelo santo oficial. A procissão que antes era conduzida por leigos, passou para o domínio do clero, neste caso para o domínio de Pe. Pelágio. Uma outra manifestação da religiosidade popular que ocupa lugar importante nas devoções é simbologia do cruzeiro, que representa a paixão de Cristo, assumindo no catolicismo oficial a marca determinante do poder eclesiástico.

Em 1949, inicia-se a construção da Matriz para reforçar a institucionalização da igreja oficial. Os católicos de Goianira passam a festejar, além de São Geraldo Magella, que é o padroeiro de Goianira, também São Sebastião, protetor do gado, das fazendas e contra as pestes, tendo na figura do sacerdote o centro das decisões referentes à vida da igreja.

A Folia de Reis dos Corrêa de Goianira vem mostrar que os leigos não perderam de tudo a autonomia de realizar seus cultos, uma vez que são eles que continuam na organização e vivência dessa folia. Isso vem de encontro com a afirmação de Brandão (1985b) que a folia de Reis tem autonomia litúrgico-organizativa, sendo protagonizada e produzida pelos leigos.

A Folia de Reis da Família Corrêa girava somente pelas fazendas da região, mas o êxodo rural provocou novas mudanças, fazendo com que a folia girasse com mais frequência na cidade, mas sem perder sua originalidade que é a devoção a Santos Reis e o reforço da coesão social. Uma dessas mudanças é visível quanto a participação feminina, que antes secundária, agora já é admitida esta participação, como é o caso da jovem Gisely Corrêa, que ajuda a tirar a reza do terço. As crianças também participam da folia acompanhando seus pais, sinalizando a continuidade dessa manifestação religiosa.

Vale pontuar que enquanto nas mais variadas folias do estado de Goiás, como a de Pirenópolis e de Mossâmedes (Brandão, 1985a), o festeiro, em geral, é uma pessoa de renome na localidade, que visa *status*, posições políticas. Já em Goianira, é uma pessoa voluntária, que se identifica com a folia, com as devoções ou por cumprimento a uma promessa atendida, embora tenham ocorrido algumas mudanças na forma da escolha do festeiro. Antes, a escolha

do novo festeiro era feita por sorteio: os nomes das pessoas interessadas eram escritos num papel e colocados em uma cumbuca para ser sorteado. Atualmente, esse sistema de sorteio não é mais praticado. O interessado em ser o novo festeiro se apresenta ficando sujeito à apreciação do gerente e do embaixador, e se houver mais de um interessado eles entram em consenso e às vezes fazem uma escala de até quatro a cinco anos para frente. Nunca ficaram sem festeiro, os foliões acreditam que Santos Reis sempre providenciará um. Mas, para o caso de não ter ninguém, a folia sairia do mesmo jeito e faria a entrega (chegada) na igreja local, com todos os ritos, cantoria, menos a parte do jantar.

É possível perceber, através dos relatos dos entrevistados, que a tradição da Folia de Reis foi reificada desde sua fundação em 1945. Um elemento notado é quanto ao destino das ofertas arrecadadas durante o giro. Nos primeiros anos de giro da folia, o dinheiro arrecadado era repassado ao festeiro para custear as despesas com a “festa”, no dia da chegada. Posteriormente, resolveram que a arrecadação (em mantimentos, dinheiro e outros produtos) seria destinada aos internos da Vila São Cotolengo¹⁸, em Trindade. De alguns anos pra cá, mais ou menos uns dez anos, os foliões decidiram repassar às famílias mais pobres da cidade de Goianira, as doações arrecadadas, em forma de cestas básicas. Para selecionar as famílias que mais precisam dessa ajuda, é importante o papel feminino. Três mulheres de foliões, que têm contato com creches e bairros periféricos da cidade, fazem o cadastramento dessas pessoas três meses antes da festa. Através deste, fazem uma nova seleção priorizando as famílias mais carentes. A estas famílias é dada uma senha para retirar a cesta de alimentos na casa de um folião (ver foto 17 e 18). No ano de 2006, as cestas foram entregues na casa do gerente do folião Sr. Paulo Afonso e de sua esposa a Sr^a Ironilda.

Notamos nesta participação inovadora feminina, o caráter social desempenhado pela folia enquanto fator de coesão e solidariedade, referida por Durkheim como uma das funções da religião.

O espírito de devoção dos foliões é outro aspecto que não se percebe mudanças significativas, pois a folia continua saindo todos os anos e girando normalmente. O que move e inspira essas pessoas a manterem a folia é a devoção, o recebimento de bênçãos que eles sempre se referem. Conforme J. Libânio (1977 p.56):

A vida do povo é difícil, cheia de adversidades, ameaçada de perigos. A bênção do Santo vem defender o fiel dos perigos, protegê-los das adversidades, conduzi-lo à sorte e prosperidade.

¹⁸ Entidade que se ocupa do tratamento de pessoas portadoras de necessidades especiais.

A folia de Reis dos Corrêa é tida como uma tradição ou festa semi-urbana, embora seu começo tenha ocorrido na zona rural. Essa mudança está aliada ao êxodo rural experimentado no Brasil e intensificado a partir da década de 70. Os habitantes do município de Goianira também não ficaram fora desse contexto de transformação. Nos seus primórdios todos moravam em sítios, pequenas fazendas ou chácaras. Com a crescente urbanização e promessa de prosperidade das cidades aliada a vida de dificuldades na roça, como a falta de trabalho, uma vez que as famílias foram crescendo e a terra ficando pequena e pouco produtiva devido ao esgotamento do solo; a falta de escolas para as crianças, de atendimento da saúde etc, interferiram nas motivações que levaram as pessoas a se mudarem para a cidade. Mas, a mudança geográfica não impediu a continuidade folia. Esta continuou por vários anos fazendo o giro entre a cidade e a roça. Hoje, como Goianira ainda é uma cidade com muitos elementos característicos do interior, o fato da folia se realizar num espaço semi-urbano, não a distancia muito de suas origens. Ela continua sendo bem recebida nas casas que visita, recebendo o respeito também de alguns protestantes, fato significativo quanto se transporta para o âmbito do protestantismo, as práticas religiosas populares.

Para compreender os significados sociais da Folia de Reis em Goianira, cabe aqui salientar DaMatta (1991), para quem a casa e a rua não representam somente espaços geográficos, mas entidades morais e domínios de ação social. Os papéis sociais transformam-se quando estão no espaço da família e muda-se para o espaço da rua. Segundo este autor, o espaço da casa é espaço íntimo e privativo, enquanto o da rua é o espaço onde a vida se desenvolve com emoção e dinamismo. Ao compararmos a casa e a rua de DaMatta com o espaço da casa e da rua na Folia de Reis dos Corrêa, simbolizamos o universo da casa como o sagrado e o da rua como o profano. Esta simbolização se dá quando os foliões que provêm de um espaço profano que é a rua, onde se dá o giro, pedem licença para penetrar no interior da casa, ultrapassando cada um dos arcos que representam os limites simbólicos de entrada da folia na casa. Ao penetrarem na casa as correntes são rompidas e as pessoas uma vez purificadas podem ter acesso ao espaço sagrado da casa. Assim, os foliões ao entrarem na casa, no espaço sagrado, também se revestem de sacralidade, pois se purificaram no giro, através do sacrifício de uma jornada exaustiva.

Ao mesmo tempo em que a casa é imbuída de uma sacralidade, determinados espaços como a varanda, a barraca onde se dão o catira, as conversas entre amigos e compadres etc, são revestidos de profanidade, que se mistura com a sacralidade complementando entre si, como afirma Mircea Eliade (1992).

A Folia de Reis dos Corrêa de Goianira pode ser considerada uma festa popular. A festa é considerada por alguns autores a parte profana da celebração, permeada por uma aura de relações interpessoais, laços de amizades reforçados, convívio e alegria contagiantes. A festa está, assim, num plano mais amplo que conforme Libânio (1997, p. 55):

Gira em volta do Santo ou de um mistério da vida de Jesus ou Maria. Em sentido comunitário, deixa-se a rotina da vida diária, onde o elemento individual é acentuado, para reforçar o espírito comunitário. Não há festa sem convívio, sem participação, sem presença de todos, num ambiente de alegria e gratuidade.

A festa de Santo Reis possui características de uma vivência coletiva, agregando uma quantidade maior de pessoas que não tiveram participação na folia. Ela representa o coroamento de uma peregrinação feita com muita devoção e sacrifício, é o momento de se confraternizar com todos os companheiros de jornada. Segundo Camurça (2003) festa e religião são manifestações diretamente relacionadas ao catolicismo popular. Embora no senso comum se faça uma separação dos dois termos atribuindo à festa um caráter lúdico e a religião regras e obrigações, Camurça afirma que estes termos se articulam e criam um território comum, uma interseção que se condicionou chamar de festas religiosas ou ritos religiosos festivos.

Mesmo em tempos agitados e altamente envolvidos com muita tecnologia percebe-se que a devoção dos foliões e participantes é muito grande. Isso mostra que todos os entretenimentos atuais não afastaram as pessoas de suas antigas raízes e a folia dos Corrêa é uma demonstração viva desse aspecto. A devoção que todos têm em Santos Reis é o verdadeiro motivo que os leva a realizar com vivacidade esta festa. Essa devoção coloca os foliões numa relação pessoal, direta, imediata com o mundo sagrado (LIBÂNIO, 1997).

A devoção aqui analisada na folia dos Corrêa é concretizada em forma do terço, da visita às casas, da peregrinação e atos de devoção diante da imagem de Santo Reis, que fica na bandeira. Não cabe aqui dizer que a devoção está mais presente nesta folia ou em outra, porque a devoção é um aspecto universal. Percebe-se que essa devoção dos foliões não está presente só nos dias de festa da folia, mas no cotidiano de cada um. Nos dias de festa, acontece o reforço dessa devoção. Para Brandão (2004, p.381): “Os devotos produzem um sistema de crenças sem o apoio da liturgia e dos princípios de fé da Igreja Católica”.

Os foliões no seu cotidiano reforçam os laços de amizades, de parentesco e solidariedade, vivenciados no giro e transportados para outras ocasiões como comemoração de aniversários, encontros para bater papo, jogar truco ou “jogar conversa fora”; ajudando uns aos outros nas dificuldades de saúde, se juntando para fazer apresentação de catira em regiões

próximas. Às vezes ganham concursos de catira, o que se configura como motivo de comemorações. O Sr Diolino diz que estes gestos são exemplos do Menino-Deus, que eles aprenderam ao longo da vida, através da folia, e, por isso, aplicam estes gestos em suas vidas.

As pessoas envolvidas nas folias - seja folião, dono da casa que dá pouso e recebe o giro ou o festeiro - entendem que Santo Reis são mediadores entre os homens e Deus, daí tamanha devoção e promessas feitas aos três Reis, pois acreditam em suas intervenções para cuidar de doenças e dar prosperidade às famílias. Essa fé em Santo Reis é revelada na fala de muitos foliões entrevistados e na maneira de se portarem diante da bandeira, do giro, da festa e dos ritos a Santo Reis. Segundo Brandão (2004), os Reis Magos são considerados santos simplesmente porque cumpriram uma jornada de louvor à divindade, da mesma forma, como a jornada dos três Reis os santificou. A folia é uma prática religiosa e santificante, porque reproduz simbolicamente a viagem dos santos cultuados. É esse acreditar que pode se chamado de fé, que está presente nessa folia desde sua formação, em 1945 até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procuramos demonstrar que a Folia de Reis dos Corrêa de Goianira é uma manifestação religiosa assentada no catolicismo popular que tem como principal núcleo à devoção aos santos e está cimentado sobre a liderança dos leigos.

Apesar da implantação formal do catolicismo romano no então povoado de Goianira, com a construção da Matriz e a introdução da celebração do santo oficial, São Geraldo Magella, mostramos que ainda hoje, através da Folia de Reis, convivem elementos tanto do catolicismo oficial como do catolicismo popular. Os foliões, ao mesmo tempo em que mantêm a prática de realizar a folia - conduzindo eles mesmos a organização da festa e a organização litúrgica, que acontece sem a participação do padre - participam das missas e das práticas dos sacramentos como o batismo, o matrimônio, a eucaristia etc.

No entanto, apesar das constantes transformações sócio-econômico-religiosas, a folia continua viva, mantendo sua “saída” e “chegada” durante estes últimos 60 anos. É neste sentido que sugerimos a necessidade de se registrar a folia de Reis dos Corrêa em Goianira, por se tratar de uma festa religiosa popular que não só possibilita a sociabilidade e a coesão dos participantes, mas também fala da memória e da tradição de Goianira.

Segundo Camurça (In: PEREIRA, M. e CAMURÇA, M., 2003) é importante a contribuição das Folias de Reis na forma de resistência social, religiosa e cultural, diante de um mundo globalizado, que impõe ser concebido restritamente com formas e performances adequadas a esta atualidade; ficando as folias forçadas a lutarem para sobreviver, sobretudo, sem perder a fundamental essência e seu sentido de manifestação religiosa de comportamento humano.

Um modo de garantir a continuidade da Folia de Reis seria registrá-la no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, que é um instrumento jurídico que visa balizar as relações do Estado com denominado patrimônio imaterial. Ao patrimônio imaterial não cabe a noção de preservação, pois o patrimônio imaterial não é estático e nem congelado e sim dinâmico, uma vez que ele se refaz e se transforma. A idéia de preservação remete à de estagnação, de uma permanência imutável, ou como afirma Cavalcanti (2001, p. 72) indica a busca de uma “autenticidade e pureza originárias”. Noções que não se aplicam às manifestações culturais, as festas populares, aos folguedos. É possível se pensar numa política de registro, como aquela proposta pelo Decreto-Lei 3551 de quatro de agosto de 2000 (Arantes, In SOUZA, 2005) que visa tornar eficiente a parcela de responsabilidade do Estado no acautelamento de celebrações,

formas de expressões, saberes e lugares significativos para a formação das identidades sociais no Brasil. Embora a participação do Estado possa contribuir com a preservação do patrimônio imaterial, as manifestações populares sobrevivem sem a intervenção do Estado. O registro compreendido como um documento histórico preserva a memória de uma época e cria um documento público acerca de um bem cultural. Ao identificar e produzir conhecimento sobre um bem cultural, o registro pode permitir criar ações mais adequadas de apoio às tradições, ao mesmo tempo em que o contato com as comunidades permitirá ouvir suas demandas. A continuidade ou não dessas tradições é de competência dos sujeitos detentores dos seus recursos simbólicos.

Junto ao registro, se poderia criar um banco de dados contendo a memória dessa festa junto ao Departamento de Cultura de Goianira. Registrar essa cultura dependerá de todos os foliões envolvidos no processo, comunidade e poder público constituído. No que tange à preservação dessa tradição, caberia ao estado protegê-la, preservando sua memória histórica e, ao mesmo tempo, sendo um instrumento de motivação para futuras gerações darem continuidade a essa manifestação religiosa e cultural.

É necessário ressaltar que a idéia de continuidade da folia está presente na atual geração de foliões, percebe-se essa intenção através da fala e atitude de todos os foliões, e pela devoção, solidariedade das pessoas que gostam de participar do movimento e das que fazem suas promessas. A presença de crianças na Folia é também um indicador de continuidade.

Se a folia é uma prática religiosa coletiva e uma seqüência de rituais capazes de colocar em evidência a solidariedade entre todos os participantes, a folia dos Corrêa não foge a esse conceito, por isso ressaltamos mais uma vez a importância de registrar essa Folia para que não se perca enquanto referência cultural de uma comunidade. Sua preservação é relevante e constatará como marcador de identidade de uma comunidade que antes era rural e hoje assumiu características urbanas e, nem por isso, e desfez no tempo. Sofreu sim pequenas alterações, mas soube manter-se firme no seu ideal de devoção.

Essa monografia poderá ser o primeiro passo na busca da preservação da Folia de Reis dos Corrêa de Goianira, uma vez que conseguimos reunir uma série de depoimentos que falam sobre a origem e a história da folia, bem como cantos que não se encontram registrados em nenhum trabalho, livro ou caderno, mas que estavam preservados apenas na memória dos foliões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEOZZO, José Oscar. *Santuários, irmandades e capelinhas de beira de estrada*. REB, 148, dez., 1977, p.41-58.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa de Santo de Preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, Goiânia: UFG, 1985a.
- _____. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985b.
- _____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Ed. UFG, 2004.
- BRUNEAU, Thomas C. *Religião e Politização no Brasil: A Igreja e o Regime Autoritário*. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (orgs). *Festa e Religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003.
- CATÓLICANET. *Dicionário Cristão*. Disponível em: <<http://www.catolicanet.com/?system=dicionario&action=verbetes&id=1617>>. Acesso em: 08 Ago 2006.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. *Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica*. Revista TB, Rio de Janeiro, 147, pp. 69-78, ou dez, 2001.
- CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS. *Migrações no Brasil o peregrino de um povo sem terra*. São Paulo: ed. Paulinas, 1986.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1991.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 2000 [1912].
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *História das Crenças Religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- FERREIRA, Tito Lívio. *A Ordem de Cristo e o Brasil*. São Paulo: IBRASA, 1980.
- FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record. 27. ed. 1990.
- GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. *A Cultura clerical e a folia popular*. Rev. bras. Hist., São Paulo, v.17, n.34, 1997.
- GALILEA, Segundo. *Religiosidade popular e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1978.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação de Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, Itamar. *Cavalladinha em Pirenópolis*. Disponível em: <<http://www.vivabrazil.com/cavalladasdepirenopolis.htm>>. Acesso em 16 Ago 2006.

GONZÁLEZ, José Luis. et al. *Catolicismo Popular: história, cultura, teologia*. Col. Teologia e Libertação. Tomo III. Petrópolis: Vozes, 1992.

HOBBSAWM, Eric. *Introdução à invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOORNAERT, Eduardo. et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Primeira Época, Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. *A igreja no Brasil-colônia: 1500-1800*. Col. Tudo é História. n.45. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. Série Religião e Cidadania. São Paulo: Ática, 1994.

IBGE. *Cidades: Goianira*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em 16 Ago 2006.

LIBÂNIO, J. B. *O problema da salvação no catolicismo do povo*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1977.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

MATA, Sérgio da. *Chão de Deus: Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil, Séculos VII –XIX*. Berlim: Ed. WVB, 2002.

NEVES, Guilherme Paulo. *O Padroado*. In: VAINFAS, Ronaldo (org.) *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 .

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA Vol. 4. São Paulo: Barsa Consultoria Editorial Ltda, 2001.

OBSERVATÓRIO geográfico de Goiás. *Mapa da região Metropolitana de Goiânia*. Disponível em: <http://www.observatoriogeogoiias.com.br/observatoriogeogoiias/mapas_pdf/expansao_urbana_2000.pdf>. Acesso em: 16 set 2006.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. “*O catolicismo popular: tradicional, privado e da libertação*”. In *CEB's: Vida e esperança nas massas*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, Texto Base, 9º Encontro Intereclesial-São Luiz, MA, 1997.

_____. *Religião e Dominação de Classe: Gênese, Estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. “O catolicismo do povo”. In *A religião do povo*, Cadernos Studium Theologicum, Curitiba: Editora Ave Maria, 1976.

OLIVEIRA, Simone G. de. *A bandeira pede passagem. Folia de Reis: fé e festar entre a tradição e a modernidade*. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres.

(Drgs). Festa e Religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais. Juiz de Fora: Templo, 2003, p. 23-38.

PEREIRA, Ivone Aparecida. *Em Nome dos Santos Reis: Uma História de Protagonismo e Mediações em Santo Antonio de Goiás*. Goiânia:UCG,2005

PESSOA, Jadir de Moraes. *A igreja da denúncia e o silêncio do fiel*. Campinas: Alínea, 1999.

RORIZ, Luciano Silva. *Sob as Bênçãos da Padroeira: O Sagrado na formação do Povoamento de Campinhas, Trindade e Inhumas (1850-1910)*. Monografia: Especialização em História do Brasil (Nacional, Regional e Local). Universidade Federal de Goiás. Goiânia: FCHF, 2004, p.11-15.

SANTOS, Lara. *Festa e Religiosidade na teoria antropológica: a festa do Divino do Espírito Santo no Brasil contemporâneo*. Brasília: UnB, 2002.

SECRETARIA MUNICIPAL DE GOIANIRA. *Seja Bem Vindo a Goianira, a cidade das flores*. Secrteria Municipal de Educação. Goianira, 1997/2000.

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO E SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. *Se liga Goianira*. Goiânia, 2004.

SOUZA, Eliane Castro. *A Apropriação de uma Tradição: Um Estudo sobre o Festival de Música Folclórica de Santa Rosa do Tocantins-TO*.Goiânia: UCG, 2005, Dissertação de Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural.

SUESS, Paulo Guenter. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Tipologia de uma religiosidade vivida. São Paulo: Loyola, 1979.

VAINFAS, Ronaldo (org.) *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ANEXOS

Anexo A – Anotações de Falias participadas pelo Sr. Diolino Corrêa Neves.

fúlia que eu fiz fui companheiro
além da nossa fundada em 1945-0

| | | |
|-----|-----------------------------------------|------------|
| 1º | João Messias São Sebastião na mangueira | |
| 2º | João Messias São Sebastião mangueira | |
| 3º | João Messias São Sebastião na mangueira | |
| 4º | Garba São Sebastião Boa Vista | |
| 5º | Onício, São Sebastião Boa Vista | |
| 6º | Ze Apregio, Santos Reis no Bugre | |
| 7º | Raimundo, Santos Reis Aracá | |
| 8º | Sebastião Nononha S. Reis m. Itaberai | |
| 9º | Manoel Corrêa S. Reis m. Itaberai | |
| 10º | Ulricom S. Reis Aracá | |
| 11º | Antonio Fraz S. Reis na fama Goiânia | |
| 12º | de uma velha, Dergo Vila São José | |
| 13 | de outra velha município de Guapó | |
| 14 | de São Geraldo Igreja de Goiânia | |
| 15 | de S. Reis do Farnesio | 45 * comes |
| 16 | de S. Reis do Farnesio | 46 u palha |
| 17 | de S. Reis Americo Heitor | 51 |
| 18 | de S. Reis José Lourenço | 52 |
| 19 | de S. Reis Otavio Ferreira | 53 |
| 20 | Francisco Cristiano S. Reis | 54 |
| 21 | Jonas (Junico) S. Reis | 55 |
| 22 | Pracial Ferreira S. Reis | 56 |
| 23 | Antonio Calisto | 57 |

| | | |
|----|----------------------------|------------------------|
| 24 | Diolino Corrêa S. reis | 58 |
| 25 | Sebastião Corrêa S. reis | 59 |
| 26 | José Corrêa Neto S. reis | 60 |
| 27 | Jão do chada S. reis | 61 ^{62 falta} |
| 28 | Amelio Corrêa S. reis | 63 |
| 29 | Sebastião Vicente S. reis | 64 |
| 30 | Anasio Venceslau S. reis | 65 ^{66 falta} |
| 31 | Emenê da Dorila S. reis | 67 |
| 32 | Odilo Vicente S. reis | 68 |
| 33 | Antonio Venceslau S. reis | 69 |
| 34 | Geraldo Corrêa S. reis | 70 |
| 35 | José Lico S. reis | 71 |
| 36 | Oscar Corrêa S. reis | 72 |
| 37 | Alberto Lorenzo S. reis | 73 |
| 38 | Marcelino Ferreira S. reis | 74 |
| 39 | Leondes Corrêa S. reis | 75 |
| 40 | Osamir Venceslau S. reis | 76 |
| 41 | Wircom S. reis | 77 |
| 42 | Miguel Ferreira S. reis | 78 |
| 43 | D. Maria S. reis | 79 |
| 44 | Geraldo de Almeida S. reis | 80 |
| 45 | Santo Damgone S. reis | 81 |
| 46 | Vicente Ferreira S. reis | 82 |

- 47 Joaquim Corrêa Neto S. Reis 83
 48 Juvenal S. Reis 85 84 falta
 49 Geraldo Ferreira S. Reis 86
 50 Dona Geni S. Reis 87
 51 Abilio Rosa S. Reis 88 89 falta
 52 Onorio Rosa S. Reis 90
 53 Iron Dancome S. Reis 91
 54 José Amaro S. Reis 92
 55 ~~Rosa~~ Claudemiro A. Corrêa S. Reis 93
 56 Joel genro da D. Geni S. Reis 94
 57 Gerson Bento S. Reis 95
 58 D. Geni S. Reis 96 97 falta
 59 Giovanni Marquesi 98
 60 Fatima Amaro 99
 61 Onorio Rosa 2000
 62 Alfredo Alves de Morais 2001
 Mauro e Marta 2002

~~63~~
 José Orlando da Silva - 2003
 Emanuel Garcia Rodrigues 2004
 Elvuci Ribeiro Pereira de Lima 2005
 Maria José Ribeiro - 2006

Anexo B – Fotos da Folia de Reis de Goianira do ano de 2003 e 2006
Autora : Maria Luiza dos Santos Silva



Foto n. 01 Bandeira de Santos Reis do ano de 2006



Foto n. 02 Concentração de foliões na casa da festeira no dia da “saída”



Foto n. 03 Cantoria da “saída” diante do altar



Foto n. 04 Lanche oferecido em uma casa do giro



Foto n. 05 Casa visitada pelos foliões em dia de giro



Foto n. 06 Arco confeccionado com flores e cipreste.



Foto n. 07 Alferes com a bandeira antes de romper a corrente



Foto n. 08 Foliões cantando e serpenteando na chegada da folia



Foto n. 09 Cantoria da chegada na casa de pouso



Foto n. 10 Almoço de saída no segundo dia do giro



Foto n. 11 Almoço no dia da festa de “saída”



Foto n. 12 Arco de entrada do recinto onde foi realizada a festa da “chegada”



Foto n. 13 Cantoria anunciando a chegada dos foliões no recinto onde foi realizada a festa final



Foto n. 14 Momento da coroação de festeiros



Foto n. 15 e 16 Diferentes altares da folia





Fotos n. 17 e 18 Entrega de cestas de alimentos



Anexo C – As quatro gerações de foliões da Família Corrêa segundo informação verbal do Sr. Vicente Corrêa Neves.

Primeira Geração:

Farnésio Cristiano Ribeiro, Amélio Corrêa Neves, Diolino Corrêa Neves, Jonas Venceslau (Joanico), Anásio Venceslau, Sebastião Augusto Gonçalves, Nenê Dorila, Antônio Calisto, João do Chadas (Chadas), José Corrêa Neto, Sebastião José da Costa (Fiinho).

Segunda Geração:

Sebastião Corrêa Neves, Miguel Ferreira da Silva, Arlindo Corrêa Neves, João Matias Corrêa, Eterno (o entrevistado não se recordou dos outros nomes).

Terceira Geração:

Joaquim Corrêa Neves, Arnaldo Corrêa Neves, Osanir Venceslau Rodrigues, Joaquim Venceslau Rodrigues, Oscar Corrêa Neves, Leones Corrêa Neves, Nivaldo Venceslau Rodrigues, Paulo Afonso Neves, Marco Antonio Batista, Mauro (Maurinho), Antonio Batista Rodrigues.

Quarta Geração:

Juvenal Matias Corrêa, Osmano Venceslau Rodrigues, Romildo Venceslau Rodrigues, Osmar Venceslau Rodrigues, Odílio Venceslau Rodrigues, Alisson Corrêa Neves, Wellington Corrêa Neves, Neliton Corrêa Neves, Gisely Corrêa Neves, José Corrêa Neto, Osmar Garcia, Marcelo Garcia Rodrigues, Cláudio Apolinário Corrêa, Claudiomiro Apolinário Corrêa, Claudinei Apolinário Corrêa.